

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**REFLEXÕES SOBRE A IDENTIFICAÇÃO
NO PENSAMENTO FREUDIANO**

Karla Maria de Medeiros Neves

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica

**REFLEXÕES SOBRE A IDENTIFICAÇÃO
NO PENSAMENTO FREUDIANO**

Karla Maria de Medeiros Neves

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Prof^a Dra. Regina Herzog

Rio de Janeiro

2007

REFLEXÕES SOBRE A IDENTIFICAÇÃO NO PENSAMENTO FREUDIANO

Karla Maria de Medeiros Neves

Orientadora: Regina Herzog

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Prof^a Dra. Regina Herzog

Presidente da Banca

Prof^a Dra. Maria Isabel de Andrade Fortes

Prof^a Dra. Jô Gondar

Rio de Janeiro

Fevereiro/2007

Neves, Karla Maria de Medeiros

Reflexões sobre a identificação no pensamento freudiano.

Karla Maria de Medeiros Neves. Rio de Janeiro, CFCH/UFRJ, 2007.

ix, 93.

Orientadora: Regina Herzog.

Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro. CFCH

- Instituto de Psicologia/Programa de Pós-Graduação em Teoria

Psicanalítica.

1. Identificação 2. Laço social 3. Psicanálise 4. Dissertação

I. Regina Herzog II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto

de Psicologia III. Reflexões sobre a identificação no pensamento

freudiano.

Para minha família,
pela força e perseverança.

Para Ricardo,
pela felicidade do nosso encontro.

Agradecimentos

A Regina Herzog, orientadora desta pesquisa, pela dedicação e paciência que me foram ofertadas ao longo dos quatro anos em que trabalhamos juntas.

Ao professor Joel Birman, a quem agradeço pelo primeiro contato com o vasto mundo da psicanálise.

Às professoras Jô Gondar e Teresa Pinheiro, pelas sugestões e críticas feitas no exame de qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, pelas valiosas aulas que enriqueceram este trabalho.

Aos queridos amigos Dayse Canano, José Luís Canano, Carol Pedrinha, Luís Henrique Machado, Luís Augusto Figueira, Isa Albuquerque, Ricardo Salztrager e Magda Frediani.

Às companheiras de todas as horas Taís Baia, Patrícia Lorenzutti e Lilia Moriconi Cota, pela presença carinhosa e alegria de viver.

Aos inestimáveis professores Paulo Bahia, Ivair Coelho Lisboa e Antônio Geraldo Peixoto Filho.

À minha família e ao Ricardo Memória, pela ligação afetiva, suporte de todo o meu trabalho.

A todos do grupo de pesquisa das "quartas-feiras".

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

"Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou sabemos mal? É necessariamente nesse ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade do nosso próprio saber, nessa ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância, e que transforma um no outro."

Gilles Deleuze

Resumo

A proposta deste trabalho é realizar um estudo teórico sobre o tema da identificação nos textos freudianos, objetivando destacar a identificação como um processo diversificado envolvido na constituição do psiquismo.

Ao longo de sua obra, Freud indica, gradualmente, a existência de múltiplas identificações. Devido às várias transformações teóricas pelas quais a noção de identificação passou, dividimos a nossa investigação em três tempos.

Em um primeiro momento, examinamos a identificação relacionada estritamente à formação dos sintomas, dos sonhos e vinculada ao complexo edípico. Em seguida, acompanhamos o modo pelo qual a identificação passa a ter um estatuto metapsicológico ampliado, quando é assegurada como ligação originária com o outro. Por fim, com o intuito de lançarmos luz sobre o aspecto primário da identificação, nos remetemos à experiência de satisfação descrita no “Projeto para uma psicologia científica” (1895) e ao modelo psíquico da “Carta 52” (1896).

Résumé

Ce travail propose une étude théorique sur l'identification dans les textes de Freud. On a par but détacher l'identification comme un processus diversifié compris dans la constitution du psychisme.

Peu à peu, tout au long de son oeuvre, Freud indique l'existence de multiples identifications. Due à plusieurs transformations théoriques par lesquelles la notion d'identification a passé, on a partagé notre investigation en trois moments.

Dans un premier moment, on examine l'identification rapportée strictement à la formation des symptômes, des rêves et attachée au complexe d'Oedipe. Ensuite on accompagne la façon dont l'identification acquiert un règlement metapsychologique étendu, lorsque qu'elle est assurée comme liaison originaire vers l'autrui. A la fin, à l'intention de répandre de la clarté sur l'aspect primaire de l'identification, on se remet à l'expérience de satisfaction décrite sur "Projet pour une psychologie scientifique" (1895) et sur le modèle psychique de la "Lettre 52" (1896).

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I:	
Freud e a trama da identificação: dos sonhos ao narcisismo.....	13
1.1 Considerações iniciais sobre a identificação no pensamento freudiano.....	14
1.2 Entre sonhos e sintomas.....	15
1.3 Identificação e histeria.....	20
1.4 A Identificação e a fundação do social	27
1.5 A entrada em cena do narcisismo.....	32
1.6 Identificação e Introjeção.....	44
Capítulo II:	
A Identificação: processo formador de laços.....	47
1.1 Identificação como ligação originária.....	47
1.2 Identificação e escolha objetal.....	62
1.3 Identificação, eu e supereu.....	64
Capítulo III:	
Conjunção final: identificação primária.....	76
1.1 A experiência de satisfação.....	76
1.2 Os primeiros registros.....	79
Considerações finais.....	87
Bibliografia.....	90

Introdução

Desde o início da elaboração teórica de Freud, o tema de identificação encontra-se presente como um fenômeno inconsciente, que no decorrer de sua obra passou a ocupar um estatuto metapsicológico de destaque. A começar pela correspondência com Fliess até as formulações da segunda tópica, a identificação é mencionada em diversas passagens e referida a inúmeros fenômenos subjetivos.

Apesar da relevância da identificação no pensamento freudiano, constatamos a inexistência de uma delimitação conceitual clara sobre o tema. Essa precariedade conceitual, por um lado, faz da identificação uma espécie de noção corriqueira, que pode ser relacionada a uma variedade de fenômenos psicológicos sem, contudo, acrescentar-lhes maior inteligibilidade. Por outro lado, também dispõe a identificação como um tema relevante para a pesquisa, dado que Freud passa a considerá-la como expressão de uma ligação primária com o outro (1921/1996).

Tendo em conta tal panorama, o objetivo deste trabalho é fazer um estudo teórico sobre a identificação no pensamento freudiano, a partir do pressuposto de que a identificação é um processo múltiplo, envolvido na fundação do psiquismo.

A princípio, Freud utilizou o termo identificação em uma acepção próxima à do senso comum, no âmbito da experiência clínica da interpretação dos sintomas neuróticos e dos sonhos. O emprego do termo foi inicialmente descritivo, ou seja, destinado a nomear um fenômeno que Freud observava na clínica, sem estabelecer, no entanto, uma análise precisa da identificação.

O primeiro ponto a ser destacado sobre este tema em Freud é a distinção entre a figura da identificação e a categoria de identidade. De fato, uma aproximação entre identificação e identidade deve ser rejeitada, de saída, pelo pensamento freudiano, na medida em que a postulação básica de um sujeito cindido não está de acordo com a idéia de unidade, de totalidade e de indivisibilidade que a categoria de identidade comporta.

Há, todavia, o risco deste tipo de aproximação, principalmente se lembrarmos que Freud, no início de sua obra, acreditava ser possível restaurar a unidade perdida da subjetividade com o trabalho do eu para resgatar o inconsciente (BIRMAN, 2003). É bem verdade que esta posição não se sustentou por muito tempo, tanto que com a

formulação do narcisismo (FREUD, 1914/1996), a instância do eu, como unidade de autoconservação, foi reformulada com a afirmação de que o eu era investido libidinalmente.

Na obra de Freud, a identificação é referida, predominantemente, à lógica do recalque e ao complexo de Édipo. Contudo, a partir do segundo dualismo pulsional (1920/1996), Freud afirma a existência da identificação primária. Esta se daria anteriormente ao investimento objetal e criaria a possibilidade para a vivência do complexo de Édipo. No decorrer de sua produção teórica, Freud menciona, ainda, a existência de alguns modos de identificação, que serão sintetizados em 1921 em três categorias: a identificação primária, originária; a identificação secundária, relacionada aos sintomas histéricos, e a identificação parcial, responsável pela formação dos grupos.

Ao longo de nossa exposição acerca do percurso do tema da identificação, nos deteremos mais na análise dos textos eminentemente teóricos do que nos escritos clínicos de Freud. Decidimos por esta estratégia, pois consideramos que a maior parte dos textos clínicos que faz alusão, direta ou indiretamente, à identificação corroboram as idéias explicitadas nas obras que examinamos. Dentre os textos clínicos de Freud que podem ser remetidos à identificação, cabe destacar: o sonho da bela açougueira (1900/1996) e o caso Dora (FREUD, 1905/1996), que evidencia um jogo identificatório complexo; a análise da fobia do pequeno Hans (FREUD, 1909/1996); a identificação do homem dos ratos com seu pai (FREUD, 1909a/1996); a relação entre identificação e homossexualidade em Leonardo da Vinci (FREUD, 1910/1996) e a análise da biografia do presidente Schreber (FREUD, 1911/1996). Em nossa exposição, nós nos debruçaremos sobre a análise do sonho da bela açougueira, relatado na obra inaugural da psicanálise, e sobre o exame do caso Dora, pois estes caso encerra contribuições decisivas para o nosso objetivo de traçar o percurso da identificação, revelando-a como um processo múltiplo que, posteriormente, assumirá função primordial na fundação do aparato psíquico.

A discussão será encaminhada ao longo de três capítulos. A proposta do primeiro capítulo, intitulado “Freud e a trama da identificação: dos sonhos ao narcisismo”, é examinar as primeiras aparições da noção de identificação, evidenciando suas articulações com o processo onírico, o fenômeno histérico, a fundação do social e as transformações teóricas trazidas pela formulação do narcisismo.

No segundo capítulo, denominado “A Identificação: processo formador de laços”, vamos expor as reflexões de Freud sobre a identificação a partir do segundo dualismo pulsional (1920/1996). O objetivo em pauta será destacar que a figura da identificação, a partir de 1921, passa a ter um estatuto de relevância na constituição do psiquismo, pois é assegurada como ligação primordial com o outro. Nesta perspectiva, analisaremos o caráter de laço primordial da identificação primária, bem como as demais identificações sistematizadas por Freud decorrentes do exame da formação do grupo.

Ainda no segundo capítulo, vamos nos deter no modo pelo qual a questão da identificação primária se torna mais consistente a partir da nova cartografia da mente apresentada na segunda tópica (FREUD, 1923/1996). Neste momento da obra freudiana, a identificação é assegurada como ligação anterior ao investimento objetal, que se daria de modo direto e imediato, abrindo caminho para a vivência do complexo edípico. Sendo assim, a identificação passa a ter papel decisivo na constituição do eu e do supereu. Apesar da importância da identificação, Freud (1923/1996) assegura que este assunto é particularmente complicado e deixa em aberto quais seriam os fundamentos desse tipo de identificação. Esta abertura na teoria freudiana nos leva às considerações descritas no terceiro e último capítulo.

Intitulado “Conjunção final: identificação primária”, o capítulo final realça a importância da identificação primária e seu caráter originário. Para uma análise desse modo de identificação, nos remeteremos aos textos iniciais da teorização de Freud, “Projeto para uma psicologia científica” (1895/1996) e a “Carta 52” (1896/1996). Com esses textos, acreditamos encontrar subsídios que criam uma possível via de compreensão para os fundamentos da identificação como um processo estruturante do psiquismo.

Estamos cientes de que o tema da identificação não se esgotará nas articulações que apresentaremos e este não é o nosso propósito. O que incita o nosso trabalho é perceber que há nuances do tema em Freud que merecem um estudo detalhado.

Capítulo I

Freud e a trama da identificação: dos sonhos ao narcisismo

O tema da identificação em Freud possui um estatuto metapsicológico impreciso, visto que não há, em sua obra, considerações bem delimitadas acerca desta noção sob a perspectiva tópica, dinâmica e econômica. Freud menciona a noção de identificação desde sua correspondência com Fliess sem, no entanto, delimitá-la conceitualmente de modo claro e preciso. Este fato abre inúmeros caminhos de investigação sobre o assunto.

No texto freudiano, a identificação é trabalhada, predominantemente, remetida à lógica do recalque e vinculada ao complexo de Édipo. Contudo, a partir do segundo dualismo pulsional (1920/1996), Freud assevera que há um tipo de identificação primária que ocorre anteriormente a qualquer escolha objetual, chegando, inclusive, a deixar indicado que a identificação primária abre caminho para a vivência do complexo edípico. Com esse acréscimo ao campo da identificação, pressupomos que, para além de estar reconhecidamente envolvida com o complexo de Édipo, a identificação também possui uma função de estruturação (FREUD, 1921/1996), localizada nos primórdios da constituição psíquica. Conforme destaca Florence (1984, p. 279), o problema da identificação é múltiplo em Freud, pois traz consigo tanto um discurso sobre as origens do aparato psíquico, com suas diferenciações, quanto a gênese do laço social. Ou seja, trata-se de apontar para o caráter múltiplo da identificação para, a partir daí, cartografar a amplitude desta noção na obra freudiana.

Com o objetivo de examinarmos uma concepção da identificação que leve em conta sua ligação com a estruturação do psiquismo, propomos, neste primeiro capítulo, nos debruçarmos sobre os textos freudianos do primeiro dualismo pulsional que abordam esse tema.

1.1 - Considerações iniciais sobre a identificação no pensamento freudiano

Dentre os conceitos fundamentais da teorização freudiana, a identificação distingui-se dos demais pelo fato de apresentar um paradoxo: ao mesmo tempo em que a identificação ocupa um lugar central na constituição do psiquismo, também verificamos a falta de uma circunscrição teórica precisa sobre o tema

Ao ser concebida como peça essencial na elaboração da escolha sexual decorrente do complexo de Édipo, a identificação é articulada a um dos eixos centrais da teoria freudiana. A importância da identificação toma um vulto ainda maior quando esta se entrelaça com a realização dos desejos, tanto pela via do sintoma quanto por intermédio dos sonhos e das fantasias. Na trama conceitual freudiana, também se destaca a importância da identificação em relação à formulação do narcisismo e à constituição do laço social. Vamos acompanhar o entrelaçamento desse conceito na aurora do pensamento psicanalítico.

Na correspondência entre Freud e Fliess, o termo identificação aparece inúmeras vezes, direta ou indiretamente, comportando um sentido muito próximo ao do senso comum. Todavia, é importante reconhecer que o termo denota um mecanismo psíquico inteiramente vinculado aos processos inconscientes. É assim que, na carta de 15 de outubro de 1897¹, mesmo sem utilizar o termo identificação, Freud esclarece o efeito arrebatador do mito do Édipo por meio de um processo identificatório que liga o herói trágico ao espectador, colocando este no lugar de testemunha das mazelas iminentes do personagem mítico. A partir daí começa a ser tecido o jogo complexo da identificação, em que as subjetividades são compostas por intermédio de um tênue laço com o outro, imprescindível para a constituição psíquica, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta como uma ligação produtora do constante mal-estar intrínseco às relações humanas. Sendo assim, desde os primórdios da empreitada psicanalítica, a identificação apresenta indícios de estar em consonância com a dimensão trágica da existência. Dimensão que se pode depreender do texto que Freud vai escrever, cerca de trinta anos depois, sobre o mal-estar inerente à cultura (1930/1996).

¹ “Carta 71” (FREUD, 1897a/1996).

Ainda em outra carta a Fliess, datada de 02 de maio de 1897², Freud utiliza explicitamente o termo identificação para justificar as acusações proferidas por mulheres para com suas empregadas. Segundo Freud, essas acusações remetem ao sentimento de culpa e de autocensura que aflige as patroas, devido à identificação que tais mulheres têm com as empregadas. Isto porque essas – como pessoas de baixo padrão moral – estariam em posição de realizar grande parte de seus próprios desejos sexuais inconscientes, sem a carga da limitação imposta pela censura da moral sexual civilizada moderna.

No entanto, é com relação à formação do sintoma histérico que o tema da identificação ganha uma importância indiscutível. A identificação histórica, descrita na obra que inaugura a psicanálise (FREUD, 1900/1996), é uma das mais emblemáticas elaborações sobre este conceito na obra freudiana.

1.2 – Entre sonhos e sintomas

Em “A Interpretação dos sonhos” (1900/1996), obra capital da psicanálise, Freud tem como objetivo investigar o funcionamento do psiquismo a partir do trabalho do sonho. Para tanto, ele realiza um estudo detalhado da formação onírica, o que chamou de trabalho do sonho, acompanhado de uma teoria do aparato psíquico. Tendo como paradigma o trabalho do sonho, ele cria uma nova abordagem para a compreensão das neuroses, num plano puramente psicológico, em que a repressão é a figura central, atuando como um processo de deformação dos desejos, tanto nos sonhos quanto nos sintomas.

Freud utiliza o relato do sonho de uma paciente para exemplificar a atuação da identificação na deformação onírica (1900/1996, p. 180). Trata-se do sonho da bela açougueira. Freud destaca, na descrição do sonho, a impossibilidade da paciente em receber uma amiga em sua casa. Ao apresentar esse sonho, Freud reafirma que, apesar de seus pacientes se oporem sistematicamente às suas interpretações, o fenômeno onírico revela a realização de um desejo inconsciente. O sonho da bela açougueira é um exemplo típico de que a identificação e o trabalho do sonho se conjugam para a

² “Carta 61” (FREUD, 1897/1996).

realização de um desejo velado. Acompanharemos a análise de Freud, em que sua paciente começa por contestá-lo:

“‘O senhor sempre me diz’, começou uma inteligente paciente minha, ‘que um sonho é um desejo realizado. Muito bem, vou narrar-lhe um sonho cujo tema era exatamente o oposto – um sonho no qual um de meus desejos não foi realizado. Como o senhor enquadra isso em sua teoria? Foi o sonho:

Queria dar uma reunião onde fosse servida uma ceia, mas não tinha mais nada em casa senão um pequeno salmão defumado. Pensei em sair e comprar alguma coisa, mas me lembrei que era domingo de tarde e que todas as casas estariam fechadas. Em seguida, tentei telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava defeituoso. Assim, tive que abandonar meu desejo de dar uma recepção” (1900/1996, p. 180).

Freud convida sua paciente a analisar o sonho, pois ele considera o fenômeno onírico como um somatório de formações psíquicas, cujo conteúdo latente precisa ser decomposto não a partir de uma lógica cartesiana, mas por uma lógica própria ao inconsciente:

“Respondi, naturalmente, que a análise era a única forma de decidir quanto ao significado do sonho, embora admitisse que, à primeira vista, se afigurava sensato e coerente e parecia o inverso da realização de um desejo. Mas de que material decorria o sonho? Como se sabe, a instigação a um sonho sempre se encontra nos fatos do dia anterior” (1900/1996, p. 181).

Logo nas primeiras associações da paciente, surge a figura do marido – um açougueiro que tem a pretensão de emagrecer realizando uma dieta rigorosa – e ela também acrescenta um comentário essencial para a posterior compreensão do sonho. Um pintor, colega de bar de seu marido, desejava pintar o retrato deste, mas o marido havia recusado dizendo que talvez fosse mais agradável pintar “uma parte do traseiro de uma bonita garota a todo o seu rosto” (FREUD, 1900/1996, p. 181), explicitando, assim, seu desejo pelas mulheres corpulentas. Ao final, em uma observação aparentemente sem importância, ela relata o pedido que fizera ao marido para que não lhe desse caviar. A princípio, Freud não encontra nenhuma conexão, então, indaga a paciente sobre isso e

descobre que ela gostaria de comer um sanduíche de caviar todas as manhãs. O marido, certamente, lhe atenderia o desejo, entretanto, ela diz também que não quer fazer esta despesa. Essa fala da paciente faz Freud recordar-se dos pacientes de Berheim, que inventavam respostas insatisfatórias quando lhes era perguntado o porquê de executarem uma determinada ação que, na verdade, havia sido derivada de uma sugestão feita no momento em que tais pacientes estavam hipnotizados. Daí Freud formula a hipótese de que sua paciente necessitava criar um desejo não realizado. Mas por que ela agiria assim?

Freud não relata com mais detalhes a seqüência das associações, mas diz que, após uma curta pausa que marca a resistência, surge um resto diurno. A paciente havia falado, na véspera do sonho, com uma amiga que lhe despertava ciúmes, pois seu marido sempre a elogiava. Entretanto, a amiga era magra e, de acordo com o que ela havia relatado sobre a preferência do marido, este tinha predileção por mulheres encorpadas. Com isso, Freud começa a montar o quebra-cabeça da interpretação. Ao perguntar à paciente o teor da conversa entre ela e sua amiga, surge mais um elemento importante da trama: o pedido de um convite para jantar por parte da amiga, pois a paciente sempre oferecia iguarias às visitas. Freud, com mais dois elementos fundamentais – a amiga e seu desejo – cria um sentido para o sonho da paciente e enuncia a interpretação:

“É como se, quando ela fez essa sugestão, a senhora tivesse dito a si mesma: ‘Pois sim. Vou convidá-la para comer em minha casa só para que você possa engordar e atrair meu marido ainda mais! Prefiro nunca mais oferecer um jantar’. O que o sonho lhe disse foi que a senhora não podia oferecer nenhuma ceia, e assim, realizando seu desejo de não ajudar sua amiga a ficar mais cheinha. O fato de que o que as pessoas comem nas festas as engorda lhe fora lembrado pela decisão de seu marido de não mais aceitar convites para jantar, em benefício de seu plano de emagrecer” (1900/1996, p. 182).

Entretanto, ainda faltava decifrar o significado do salmão defumado neste sonho. Freud pergunta à sua paciente como foi que ela havia chegado a esse conteúdo, o salmão defumado. Ela comunica que esse era o prato preferido de sua amiga. Freud acrescenta que ele próprio conhecia a amiga em questão e sabia que a moça era

realmente uma apreciadora de salmão, no entanto, não comia a iguaria com a frequência desejada, devido a limitações financeiras.

A partir daí, Freud percebe que o elemento salmão defumado abre uma outra possibilidade de interpretação mais sutil, que só faz confirmar as interpretações anteriores. Ao mesmo tempo em que sua paciente sonha com a renúncia de um desejo, também tenta realizar um desejo renunciado, o de comer sanduíche de caviar. Além disso, sua amiga expressa um desejo, o de engordar, desejo este que a paciente esforça-se para que não se efetue. Contudo, a paciente de Freud não sonha com a não realização do desejo de sua amiga, mas com a não realização de seu próprio desejo. Com essas considerações, Freud traz à tona o conceito de identificação:

“Portanto, o sonho adquirirá nova interpretação se supusermos que a pessoa nele indicada não era ela mesma, e sim a amiga: que ela se colocara no lugar da amiga, ou como poderíamos dizer, que se ‘identificara’ com a amiga. Creio que ela de fato fizera isso, e a circunstância de ter efetivado um desejo renunciado na vida real foi prova dessa identificação” (1900/1996, p. 183).

A análise do sonho revela a identificação histórica entre a paciente e sua amiga como uma ligação repleta de floreios, uma espécie de identificação barroca sobrecarregada de elementos. No sonho, a bela açougueira se colocava no lugar da amiga, porque essa estava se colocando em seu lugar em relação ao marido e porque a paciente queria assumir o lugar da amiga no desejo do marido. O sonho, nesse caso, é uma formação inconsciente que põe em evidência, também, a maneira pela qual as identificações operam na produção do sintoma. Desse modo, a identificação se apresenta como um processo comum ao sonho e ao sintoma. De acordo com as palavras de Freud (FREUD, 1900/1996):

“A identificação é um fator altamente importante no mecanismo dos sintomas histéricos. Ela permite aos pacientes expressarem em seus sintomas não apenas suas próprias experiências, como também as de um grande número de outras pessoas: permite-lhes, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar sozinhas todos os papéis de uma peça” (p. 183).

Contudo, Freud diferencia a identificação histérica da imitação, visto que considera a identificação como um processo que envolve a assimilação inconsciente de traços de uma outra pessoa e, por isso, capaz de criar os sonhos e os sintomas. A concepção de imitação, em relação à qual Freud se opõe, diz respeito àquela em que este termo é entendido como mera reprodução de um evento, como a simples cópia de uma matriz, sem que tenha havido qualquer apropriação dos conteúdos imitados pelo sujeito. Ou seja, Freud se distancia de uma idéia de imitação³ que isenta a subjetividade de empreender atos criativos, já que a identificação abre caminho para modificações no âmbito pulsional, a partir da relação com o mundo. Sendo assim, podemos pensar que, para ele, a identificação possui uma dimensão inventiva que se dá através da assimilação inconsciente de conteúdos externos ao aparato psiquismo.

Ao se perguntar sobre o sentido da identificação histérica, Freud infere que o ato mental aí envolvido funda-se: “na dedução inconsciente de uma influência (...); a identificação não se constitui uma simples imitação, mas uma assimilação à base de uma etiologia semelhante; expressa uma mudança e se origina do elemento comum que permanece no inconsciente” (1900, p. 160).

Na análise do sonho da bela açougueira, Freud questiona a relação existente entre a identificação e a histeria como forma de evidenciar um drama sexual, em que se apresenta a capacidade do histérico em identificar-se com pessoas que tenham relação com as mesmas que ele. Isto diz respeito não só às relações empreendidas na realidade, como também apresentadas na cena fantasmática. No sonho da bela açougueira, está presente o desejo inconsciente dela se colocar no lugar da amiga, tendo em vista que esta era elogiada por seu marido. Levando em conta esta conjuntura, Freud postula que a identificação é empregada na histeria para expressar um elemento sexual comum e, ainda, que tanto as fantasias históricas quanto os sonhos são suficientes para engendrar identificações. Sendo assim, a fantasia sexual se apresenta através da identificação histérica, freqüentemente tendo como ambiente uma cena de ciúmes. Contudo, esta fantasia pode aparecer de diversos modos: atualizada nas relações interpessoais, nos sonhos ou mesmo através de sintomas angustiantes.

³ Freud articula as categorias de identificação e imitação em algumas passagens de sua obra (1897/1996, 1900/1996, 1921/1996), sem, no entanto, fazer equivaler uma a outra. Buscando investigar atentamente esta articulação, no segundo capítulo, apontaremos alguns pontos de aproximação e afastamento entre a noção de identificação em Freud e uma determinada concepção de imitação (TARDE, 1895) que delimita esta como fundamental para a formação do laço social.

Florence (1994) destaca que o sonho da bela açougueira ilustra o jogo da identificação histórica com traços particulares de uma outra pessoa. Florence (1994) esboça que isso ocorreria devido a duas regras fundamentais da identificação histórica: no ponto de vista dinâmico, a força libidinal encontra uma saída através de uma distorção decorrente da assimilação de traços isolados de um ou vários personagens. Sob a perspectiva econômica, não surge uma tentativa direta de se distribuir os investimentos, mas é possível observar o trabalho de condensação empreendido, tal como ocorre no trabalho de formação do sonho.

Com base no que foi exposto, percebemos que a identificação histórica está em consonância com a lógica do sonho, exprime um desejo recalçado e atualizado, bem como faz uso de traços assimilados de outras pessoas. Com isso a identificação começa a ser delineada como um modo peculiar de ligação à outra pessoa, articulando-se com as produções onírica, sintomática e fantasmática. A análise do caso Dora (FREUD, 1905/1996), que passaremos a acompanhar em seguida, irá mais longe no esclarecimento do trabalho da identificação envolvido com a fabulosa plasticidade das produções sintomáticas.

1.3 - Identificação e histeria

Como destacamos anteriormente, o tema da identificação segue seu curso articulado aos sintomas histéricos. Na análise do caso Dora (FREUD, 1905/1996), encontramos uma minuciosa explicação acerca dessa articulação.

Dora foi o nome fictício dado por Freud a uma de suas pacientes na época da publicação do caso no texto “Fragmento da Análise de um Caso de Histeria”, em 1905. A análise deste caso é um marco no estudo da psicanálise, pois nele Freud apresenta suas idéias a respeito da formação da histeria, utilizando prioritariamente a concepção de análise cunhada no trabalho sobre os sonhos.

Como sabemos, no fenômeno onírico há a forma disfarçada da realização de desejos. Freud (FREUD, 1908a/1996) acrescenta que os ataques histéricos são, na verdade, fantasias inconscientes traduzidas para a esfera motora, projetadas para a motilidade e representadas por meio da mímica. Afirma, ainda, que essas fantasias poderiam ser deduzidas da interpretação dos sonhos e que é possível a crise histórica ser

substituída por um sonho, ou ser a explicação desse sonho, já que a fantasia pode aparecer de múltiplas formas, no sonho ou na crise. Tanto em uma quanto em outra, as fantasias estão sujeitas à censura, são incompreensíveis a princípio e, por isso, devem ser submetidas à análise que decompõe seus elementos formadores, podendo assim ser elucidadas. Desse modo, para o ataque histérico, deve ser empreendido o mesmo método analítico que o usado para os sonhos. Partindo dessa premissa, Freud realiza a análise do caso Dora. Passaremos a acompanhar o relato do caso.

Freud descreve que Dora era uma jovem paciente de dezoito anos, bela e inteligente, portadora de sintomas histéricos. A moça possuía um núcleo familiar composto pelo pai, mãe e um irmão mais velho que ela um ano. Freud destaca que o pai tinha inteligência proeminente e era a pessoa dominante neste círculo. Durante boa parte da infância de Dora, o pai foi acometido por várias doenças, como tuberculose, descolamento da retina, paralisias e perturbações psíquicas. Dora sempre fora muito apegada ao pai e a ligação entre eles aumentava conforme a ocorrência das muitas e graves doenças que o faziam padecer.

Por volta dos oito anos, a moça também começou a adoecer, passando a sofrer de dispnéia crônica. Os males da jovem se apresentavam como sintomas neuróticos e, no decurso da doença, outros sintomas começaram a aparecer, tais como: tosse nervosa, afonia, enxaqueca, depressão e idéias suicidas. Dora chegou ao consultório de Freud pela primeira vez aos dezesseis anos, tendo como queixa principal os ataques de tosse e a conseqüente perda completa da voz. Nessa época, Freud lhe indicou tratamento, mas a moça não atendeu à recomendação; além disso, houve a remissão espontânea dos sintomas.

Aos dezoito anos, Dora retorna ao consultório de Freud e inicia sua análise, mas permanece por um período curto de tempo, abandonando o processo analítico antes mesmo que Freud o desse por concluído. No início da análise, os ataques de tosse da jovem persistiram durante três a cinco semanas, juntamente com a afonia, e em um episódio, chegou a durar diversos meses. Entretanto, o fato determinante para o início da análise foi sua carta suicida, seguida, dias depois, de uma perda da consciência após discutir com o pai.

Freud relata que o pai de Dora a levou até seu consultório e contou-lhe alguns elementos importantes para a análise do caso, principalmente a relação que a família da

moça possuía com o casal K. A Sra. K. cuidara do pai de Dora por ocasião de uma longa enfermidade. Este fato só fez estreitar os laços entre a senhora e o pai de Dora, tendo como justificativa a gratidão por tal auxílio. Também o Sr. K. sempre fora muito atencioso com Dora, levava-a para passear e dava-lhe presentes. Por sua vez, a jovem tratava com esmero os filhos do casal K., dedicava-lhes um cuidado quase que maternal. Freud acrescenta que, dois anos antes, na época da primeira consulta de Dora, havia ocorrido um episódio importante envolvendo a família K. De acordo com o relato de Freud:

“(…) Quando Dora e seu pai tinham vindo me visitar dois anos antes, no verão, tinham estado prestes a romper com Herr e Frau K., que passavam o verão num de nossos lagos nos Alpes. Dora devia passar várias semanas na casa dos K., ao passo que seu pai pretendia voltar à casa após alguns dias. Durante esse tempo, Herr K. também permanecera ali. Quando seu pai se preparava para partir, a moça subitamente declara com a maior determinação que iria com ele e com efeito assim o fizera. Só alguns dias mais tarde ela esclarecera seu estranho comportamento. Contara à mãe – com o propósito de que o que dissesse fosse transmitido ao pai – que Herr K. tivera a audácia de fazer-lhe uma proposta amorosa, enquanto andavam depois de um passeio ao lago. Herr K. fora chamado a dar explicações pelo pai da moça e seu tio quando de um novo encontro entre eles, mas negara da forma mais enfática ter tomado, de sua parte, qualquer liberdade que pudesse ser assim interpretada” (1905/1996, p. 23).

Freud tem em conta que os sintomas histéricos são o resultado de uma intenção inconsciente endereçada a uma determinada pessoa e, invariavelmente, também se constituem em uma tentativa de obtenção de alguma vantagem. Essas considerações apontam para uma economia específica do fenômeno neurótico, em que há a formação do sintoma como uma solução diante do conflito psicológico, envolvendo desejo e renúncia. Essa solução, apesar de apresentar sofrimentos visíveis, traz também os chamados benefícios secundários da doença, que funcionam como um reforço para a neurose. Com isso, Freud assevera que o sintoma histérico apresenta (*Darstellung*) a realização de uma fantasia de conteúdo sexual. De acordo com esses pressupostos, é possível entender a multiplicidade de sintomas apresentados por Dora como a

atualização de seus conflitos psíquicos, que acabam denunciando múltiplas identificações encenadas em um teatro tragicômico.

Sobre este ponto da teoria freudiana, David-Ménard (2000) sustenta que, apesar das dificuldades de tradução, é de fundamental importância para a compreensão dos sintomas histéricos precisar os termos utilizados por Freud. A autora destaca a distinção entre os termos *Darstellung* e *Vorstellung*. Os dois vocábulos foram utilizados por Freud ao longo de sua obra e podem ter o sentido geral de representação, de meio de expressão ou figuração, entretanto, somente o termo *Darstellung* encerra o sentido de apresentação ou presentificação. De acordo com David-Ménard (2000), para o sintoma histérico é preciso utilizar o termo exato, *Darstellung*, ou seja, apresentação ou presentificação, visto que “o sujeito tenta fazer advir, por um pensamento plástico e figurativo, a presença do objeto de seu desejo e um gozo no qual nada haverá a ser representado, ou seja, reconhecido como ausente” (p. 102). Desse modo, no sintoma histérico, há mais a presentificação de um desejo inconsciente que insiste em realizar-se, do que a representação da realização desses desejos sexuais.

Seguindo as orientações de David-Ménard (2000), é possível dizer que os sintomas de Dora apresentam uma complexa trama identificatória. Ao analisar as identificações da jovem, Freud diz que, a princípio, seu irmão fora seu modelo, mas que, com o passar do tempo, essa relação foi se modificando, pois cada um dos irmãos tomou partido de um dos pais. Seu irmão apoiava freqüentemente a mãe, enquanto Dora passou a ser mais favorável ao pai e isso a tornava cada vez mais ligada a ele.

No decorrer do relato do caso, vemos entrar em cena a família K., quando Freud apresenta sua análise a respeito da carta escrita por Dora ameaçando suicidar-se. Freud diz que tanto a mãe quanto o pai da jovem estavam agradecidos a Sra. K., por esta ter seguido seu pai até os bosques onde ele planejava suicidar-se. Esse fato acontecera antes da manifestação suicida de Dora. A Sra. K., supostamente, o fizera desistir do intento para o bem de sua família. No entanto, Dora não dá crédito a essa história, diz que isso foi inventado por seu pai para justificar o fato de ele e a Sra. K terem sido vistos juntos no bosque. A carta de Dora demonstrava o desejo de viver um amor tão ardoroso quanto o que ela imaginava existir entre o pai e a Sra. K. As fantasias de suicídio eram o ponto de ligação entre ela e o pai, ligação esta fundamentada na identificação histérica. Com

isso, é possível dizer que Dora simula a idéia de suicídio devido à identificação com o pai.

Dora também pensa que seu pai aproveitava-se das doenças que tivera ao longo da vida para conseguir favores da esposa e para esconder as suas verdadeiras intenções com a Sra. K. Com esses indícios, Freud percebeu que as acusações que Dora fazia ao pai podiam ser dirigidas a ela própria. Em certa ocasião, ao surgir um novo sintoma na moça, dores gástricas, Freud pergunta-lhe quem ela estava imitando agora. Ou seja, a quem Dora se identificava produzindo o novo sintoma. Freud elucida a questão ao descobrir que a jovem havia visitado as primas e que a mais nova estava noiva, enquanto a mais velha ficara doente, com dores gástricas, e por isso fora a uma estação de águas ao sul buscar tratamento. Dora encara o sintoma da prima mais velha como um pretexto para que esta não participasse das alegrias do noivado da irmã mais nova, pois, na verdade, o que a prima doente tinha era inveja da irmã noiva. A partir daí, Freud formula duas hipóteses para o sintoma de Dora:

“Mas as dores gástricas de Dora proclamavam o fato de que ela se identificara com a prima que, segundo ela, era uma simuladora. Seus fundamentos para esta identificação eram que ela também estava invejosa da felicidade da moça ou que via sua própria história refletida na irmã mais velha, que recentemente tivera um caso amoroso que terminara de forma infeliz” (1905/1996, p.36).

Freud considera que as censuras que Dora fazia à prima enferma e ao pai nada mais eram do que um revestimento ou a cobertura de autocensuras que ela fazia a si mesma, principalmente, por ter percebido que ajudara o pai nas suas investidas com a Sra. K. Tudo isso expõe o triângulo amoroso no qual Dora estava envolvida: como rival de sua mãe, a jovem ajuda a relação de seu pai com a Sra. K. Ao mesmo tempo, identifica-se com a Sra. K. e deseja os mesmos homens que ela, seu pai e o Sr. K. Este jogo identificatório apresenta o desejo de Dora de ocupar o lugar da mãe no desejo do pai.

Em certo momento, Freud relata que Dora identifica-se com sua mãe, ao apresentar sintomas e peculiaridades característicos desta. A mãe da jovem tinha dores abdominais e um catarro vaginal. O pai de Dora aparecia como sendo o responsável por tais sintomas. Na constelação sintomática de Dora, também apareceu uma leucorréia,

que passou a ser denominada como catarro. Freud interpreta a associação entre leucorréia e catarro e infere que isso indica que Dora responsabiliza seu pai pelas enfermidades que acometem tanto sua mãe quanto ela mesma.

Freud acrescenta, ainda, que a tosse iniciou-se evidentemente de um catarro verdadeiro, sintoma que seu pai tinha em virtude da doença nos pulmões, e expõe dois motivos para Dora apresentar sua tosse. Primeiro, o sintoma como uma expressão inconsciente de amor pelo pai: “Sou filha de meu pai. Tenho um catarro exatamente como ele. Ele me fez ficar doente, como fez a mamãe. É por causa dele que tenho estas paixões selvagens, que são punidas com a doença” (1905/1996, p.79). E um efetivo problema de garganta produziu um catarro que funcionou como “o grão de areia em torno do qual a ostra forma sua pérola” (1905/1996, p.80).

No decurso de seu texto, Freud introduz a temática da homossexualidade feminina, que perpassa a relação de Dora com a Sra. K., e demarca uma escolha de objeto. Nas palavras de Freud:

“Mas no mundo da realidade, que estou tentando retratar aqui, uma complicação de motivos, um acúmulo e conjunção de atividades mentais – numa palavra, a supradeterminação – é a regra. Pois, atrás da seqüência prevalente de Dora ligada às relações entre seu pai e Frau K., havia oculto um sentimento de ciúme que tinha aquela senhora como objeto – um sentimento, isto é, que só se podia fundar numa afeição de Dora por alguém de seu próprio sexo” (1905/1996, p.57).

Apesar de levantar o aspecto da homossexualidade, Freud aborda-o de forma genérica. Entretanto, parece interessante notar que ele aponta a Sra. K. tanto como objeto de escolha, quanto como personagem de identificação de Dora. De acordo com as considerações de Florence (1984) sobre o caso Dora, um dos nós da trama identificatória da jovem é composto pela complexidade da feminilidade⁴. Apesar de não nos dedicarmos ao tema da feminilidade neste trabalho, é importante indicar que, seja

⁴ Neste ponto, é necessário marcar que o discurso freudiano sobre a feminilidade apresenta-se, de modo recorrente, centrado na lógica falocêntrica, contudo, ele nunca deixou de insinuar a tensão que o tema encerra, sobretudo na conferência que trata especificamente sobre a feminilidade (1933a/1996). Para uma apreciação detalhada sobre o tema, remetemos o leitor à coletânea de artigos intitulada *Feminilidades* (2002), organizada por Birman.

na identificação com um homem ou com uma mulher, Dora acaba por mostrar a estrutura conflitante dos desejos inconscientes. De acordo com as palavras de Florence:

“Freud tira proveito dessa profusão de sintomas para demonstrar sua concepção teórica da função psíquica do sintoma histérico. Ele dirá muitas vezes, no curso de seu comentário, que o sintoma significa a apresentação de uma fantasia sexual. Ela se dá como a realização de um espetáculo, como a montagem de um cenário sexual. Sexualidade deve-se compreender, em seu sentido estrutural, pode-se dizer, como mobilização de componentes infantis segundo os caminhos trilhados no corpo, conforme um traço erógeno privilegiado. (...) Freud escreve que as excitações tomam de improviso um revestimento psíquico que as fixa: este revestimento é ele mesmo estratificado. Portanto, na fantasia da histérica, estas camadas de revestimento são os personagens que a perseguem “ (1984, p. 25, tradução nossa).

Com isso, Florence (1984) conjectura que os sintomas da paciente são múltiplos signos petrificados de pensamentos secretos que insistem como sintoma. Encontramos aqui a existência de identificações múltiplas, que evidenciam desejos edípicos recalçados. Para Florence (1984), o que ocorre nas fantasias históricas é a formação de estratos habitados por personagens edípicos, ou personagens que estão referidos a estes. Sendo assim, o sintoma histérico é uma cena petrificada de personagens relacionados ao complexo de Édipo, que se apresentam no cenário sexual fantasmático.

É por esse viés que o Sr. K. e Sra. K. invadem o campo fantasmático de Dora, compondo a trama identificatória da jovem, juntamente com as figuras do pai, da mãe e do irmão. Nesse momento da obra freudiana, a genealogia da trama identificatória é fundada exclusivamente na vivência do complexo de Édipo⁵. A situação edipiana, reatualizada nas identificações de Dora com o casal K., não permite que ela tome uma posição definitiva em relação aos seus desejos, ou seja, em relação à sua sexualidade. E, para retomar a idéia de um aparato psíquico estratificado (FLORENCE, 1984), é possível dizer que a sua identificação com o pai responde pela camada mais primitiva do complexo de Édipo. A identificação com a Sra. K. afirma os desejos edípicos

⁵ Vale lembrar que, de forma geral, o texto freudiano aponta como fundamento da identificação o complexo edípico, entretanto, no arcabouço da segunda teoria pulsional, Freud indica a existência de identificações que ocorrem anteriormente ao complexo de Édipo. Esta inovação no texto freudiano será analisada no segundo capítulo da presente dissertação.

recalcados de Dora, pois, ao identificar-se com o pai, toma a Sra. K. como objeto de amor, o que acaba por delimitar sua tendência homossexual.

Neste momento da obra freudiana, a identificação apresentada como vinculada aos sintomas e aos sonhos colabora com o recalque, na medida em que indica a existência de um desejo refreado, mas que somente deformado com a contribuição da identificação pode ascender. No caso de Dora, sua identificação com a Sra. K. remete a um estrato identificatório anterior, a saber, seu pai. Desse modo, podemos dizer que a identificação histórica se caracteriza como um processo que viabiliza a presentificação (DAVID-MÉNARD, 2000) de um desejo recalcado e vinculado à sexualidade infantil.

Com relação ao fenômeno histórico, podemos depreender que a identificação tem um caráter matizado, pois torna possível que os desejos, contraditórios e simultâneos, se atualizem em personagens fantasmáticos. Por ora, daremos prosseguimento à articulação do tema da identificação na obra freudiana, ressaltando que a identificação histórica, diversa e contraditória, abre caminho para a compreensão da natureza fragmentada do eu, tal como o processo de incorporação presente na identificação narcísica evidenciará. Passaremos, agora, a expor algumas considerações que apontam para o fenômeno da incorporação descrita na refeição totêmica em “Totem e tabu” (1913/1996) como condição para o surgimento da identificação.

1.4 – A identificação e a fundação do social

O tema da identificação habita o texto freudiano sobre o mito de fundação da sociedade (FREUD, 1913/1996), no qual a identificação tem como protótipo o fenômeno da incorporação. Nesta obra – “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996) –, a incorporação é a condição para o surgimento da identificação, que é expressa como dois modos de ligação: um que decorre da relação dos filhos com o pai morto e o outro da relação dos filhos entre si. Passaremos a acompanhar a narrativa mítica de Freud para analisarmos os modos de identificação vigentes.

O mito de “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996) tem como objetivo descrever a origem da sociedade, baseando-se na suposição do assassinato do chefe da horda primitiva pelo conjunto de irmãos. Esse mito narra que, na pré-história da humanidade, as pessoas viviam reunidas em hordas, dominadas por um macho poderoso que privava

os homens do acesso às mulheres e expulsava-os do clã, à medida que cresciam. Certa vez, os irmãos reuniram-se, retornaram à horda, mataram o pai e devoraram-no. Com o ato do assassinato do chefe primitivo, foi instituído um grupo fraterno, criando-se, assim, a primeira organização social. Freud relata que os filhos:

“Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir, e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo” (1913/1996, p 171).

Devido ao enorme sentimento de culpa que sentiram, os filhos se viram obrigados a renunciar às mulheres de seu clã e a proibir a morte do animal totêmico erigido como substitutivo simbólico do pai morto. O sentimento de culpa tornou a figura do pai morto mais poderosa do que em vida, pois as proibições de não se relacionar com as mulheres do mesmo clã e de não ocupar o lugar do pai, a partir de então, passaram a ser praticadas pelos próprios filhos. Com isso, o pai se configurou em um ideal para os filhos, ideal temido e venerado ao mesmo tempo.

Desse modo, instituiu-se a função paterna como esteio simbólico para a formação do laço social, tornando-se a garantia necessária para a criação da ilusão de igualdade e fraternidade entre os componentes do grupo. Para que os membros da tribo não disputassem violentamente a posse das mulheres do clã – o que colocaria em risco a organização social recém-instaurada – estabeleceu-se a lei contra o incesto. Assim, em busca de preservar o laço social e de desfrutar os benefícios trazidos por ele, os sujeitos renunciaram à satisfação pulsional imediata.

Para o estabelecimento do grupo social, também foi necessário que os irmãos se identificassem como semelhantes, e isso se deu através da identificação de cada um com a figura do pai. A identificação com o pai teve como fundamento o fenômeno da “incorporação”, ou seja, a ingestão do animal totêmico. De acordo com Freud (1913/1996), o fenômeno da refeição totêmica é uma cerimônia especialmente encontrada nas sociedades organizadas sob a forma de totens. O mito freudiano relata

que, após o assassinato do pai, os filhos passaram a representar o pai na figura de um animal, que designaram como totem. Em ocasiões festivas, em que os membros do grupo celebravam o assassinato do pai, acontecia a ingestão do animal totêmico. Nessas cerimônias, os homens usavam trajes que permitiam que eles se assemelhassem ao animal, imitando suas características e seus gestos. No decorrer da festividade, os homens assassinavam o animal totêmico e lamentavam sua morte. Nessas ocasiões, as atividades culminavam com a permissão de atos excessivos no contexto da festa. Freud (1913/1996) relata que o assassinato do animal totêmico só era permitido com a participação de todos os membros do clã, pois, assim, poderia ocorrer certo alívio da culpa pela morte do pai. Além disso, Freud infere que a refeição totêmica era uma repetição da festa que ocorreu após o assassinato do pai primitivo, e que tal associação tem como indício os sentimentos ambivalentes dos homens para com a morte do animal.

Ao ingerirem o animal totêmico, os membros do clã assimilavam a potência e os demais atributos deste símbolo. Em decorrência disso, os homens passavam a se identificar com o animal ingerido, acentuando os vínculos com a figura idealizada que ele representava e criando, assim, a identificação totêmica. Uma vez reforçada a identificação com o totem, os homens também se identificavam entre si, encarando a ingestão do animal como uma oportunidade para que cada um reconhecesse em si e no outro o ódio que os reuniu outrora e que culminou no assassinato do pai. Acerca desta narrativa, Herzog e Salztrager (2003) salientam a ocorrência de dois níveis do processo de identificação. Um primeiro nível, em que há a “identificação de cada membro do clã com o animal totêmico, operação psíquica que, por sua vez, funciona como suporte ou matriz para um segundo mecanismo identificatório, que se dá entre os membros da aldeia.” (p. 30). Neste sentido, pode-se dizer que todo o processo de identificação exposto em “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996) está calcado na eficácia da figura paterna.

Sobre esse aspecto, Mezan (1990) ressalta que todas as questões levantadas por Freud nessa obra têm como pano de fundo a função paterna, e que a sua narrativa conduz à instituição do complexo de Édipo como mito particular de constituição da subjetividade. O papel desempenhado pelo pai é o mesmo, tanto no complexo de Édipo quanto no mito de surgimento da sociedade: em ambos o pai é visto como um terrível inimigo dos desejos incestuosos – cuja pena é a castração, ou na referência à tragédia

grega, a cegueira. O totemismo está apoiado na idéia de que o pai é representado pelo animal e em duas interdições: não matar o totem, exceto por ocasião das festividades, e não ter relações com as mulheres da mesma família. Essas são proibições que o personagem mitológico Édipo violou e, por isso, se tornou um criminoso. Essas interdições também recaem sobre os desejos arcaicos da criança, a saber, não ter a mãe como objeto irrestrito de amor e não destruir o pai. Para Freud, a repressão insuficiente ou o redespertar desses desejos infantis formam o núcleo de todas as neuroses.

É por isso que Freud assevera que o tabu sempre será a forma reativa destinada a proteger o homem de algum ato intensamente desejado, mas proibido pelo grupo. Com isso, se instala um terrível conflito entre o desejo, inconsciente, e a sua proibição na esfera consciente. Freud diz que esse conflito produz relações ambivalentes entre os membros do grupo:

“Eles devem, portanto, ter uma atitude ambivalente para com seus tabus. Em seu inconsciente não existe nada que mais gostassem de fazer do que violá-los, mas temem fazê-lo; temem precisamente porque gostariam, e o medo é mais forte que o desejo. O desejo está inconsciente embora, em cada membro individual da tribo, do mesmo modo que está nos neuróticos” (1913/1996, p. 51-52).

Desse modo, os desejos pulsionais homicidas e incestuosos são refreados pelo tabu, que tem como operador a figura do pai, possibilitando a constituição da subjetividade e da vida social. Com isso, pode-se perceber, com clareza, o funcionamento da situação edípica, tanto na situação do clã quanto na formação do psiquismo. Conforme já mencionamos, após a morte do pai da horda primeva, os filhos são tomados pelo desejo de serem iguais ao pai admirado, de serem tão fortes quanto ele. Ou seja, identificam-se com ele e, assim, surgem duas vertentes ambivalentes de ligação com o pai. Uma vertente que demonstra o sentimento de ser como pai e, para isso, os filhos realizam a ingestão do animal durante o banquete totêmico, a fim de assimilar seu poder. Outra vertente, a da ambivalência, expressa os sentimentos de culpa que assolaram os filhos após o assassinato do pai. Com base nesses pressupostos, os dois modos de identificação presentes em “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996) – a saber, uma identificação que liga os filhos com o pai e a outra que promove o laço dos filhos entre si – ambas são marcadas pela ambivalência. Afinal, a ligação fraternal só foi

possível como forma de evitação da possibilidade de algum membro do grupo ocupar o lugar de chefe da horda e acabar tendo o mesmo destino do pai.

Em linhas gerais, podemos dizer que “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996) é um estudo psicanalítico do mito do pai na dimensão macro do surgimento da sociedade, mas que contém a história singular de cada um, em que a identificação totêmica, pautada na ingestão do totem, aparece de forma inequívoca como um modo primitivo de ligação com o outro. Laço ambivalente que marcará todo o processo de estruturação do psiquismo.

A identificação pela via da incorporação na narrativa mítica (FREUD, 1913/1996) abre caminho para a compreensão do que Freud formulou como identificação narcísica em “Luto e melancolia” (1915/1996). As transformações pelas quais o eu passa, no caso patológico da melancolia, decorrem da incorporação do objeto que deveria ter sido abandonado, mas que acaba por ocupar o próprio eu. Posteriormente, Freud percebeu que este processo de modificação do eu, característico da identificação narcísica, não é exclusivo da melancolia, mas faz parte da própria formação do aparato psíquico (FREUD, 1923/1996).

A ingestão do totem, como uma perspectiva da transformação do eu, leva-nos a compará-la com a fase oral da libido, momento em que Freud verifica a indistinção entre investimento objetal e identificação. Em 1915, ao acrescentar a noção de fase oral em os “Três ensaios” (1905a/1996), Freud utiliza o termo incorporação definindo-o como uma meta pulsional e um modo de relação com o objeto característicos da fase oral, em que há o privilégio da atividade bucal e da ingestão dos alimentos. Neste sentido, a incorporação não se limita à atividade oral propriamente dita, podendo ser vivida em outras zonas erógenas e relacionada a outras funções.

Como pudemos acompanhar, no mito de “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996), encontramos as bases para uma série de temas que se desdobraram no decorrer dos textos freudianos. Esses temas são elos imprescindíveis que, atrelados ao processo de identificação, criarão as bases para a concepção freudiana acerca da produção subjetiva.

Já em “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996), podemos encontrar vestígios da reviravolta promovida pela segunda tópica, com o acréscimo determinante do supereu, quando Freud nos conta que a figura idealizada do pai primevo serve como modelo identificatório para os filhos.

Em direta relação com a formulação acerca da figura idealizada do pai como paradigma identificatório, aparecem as instâncias ideais apresentadas no texto sobre o narcisismo. Examinaremos, a seguir, as inovações trazidas pelo conceito de narcisismo para o processo de identificação.

1.5 – A entrada em cena do narcisismo

O conceito de identificação assume maior importância na teoria psicanalítica, principalmente, à medida que começa a ser introduzida uma nova definição do eu vinculada ao narcisismo.

Podemos indicar o artigo “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (FREUD, 1910/1996) como uma passagem relevante no percurso do conceito de identificação na obra freudiana. Neste texto, a questão da homossexualidade masculina abre caminho para a formulação do narcisismo e a identificação é considerada aqui um processo pelo qual o narcisismo se mantém, visto que Leonardo, identificado com sua mãe, perpetua o amor narcísico infantil. De acordo com as palavras de Freud:

“O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe, coloca-se em seu lugar, identificando-se com ela, e toma a si próprio como modelo a quem devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor” (1910/1996, p. 92).

A questão do narcisismo será examinada minuciosamente no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (FREUD, 1914/1996) e acabará provocando mudanças decisivas na teoria freudiana.

Toda a problemática do narcisismo tem início com as divergências entre Freud e a Escola de Zürich, principalmente com Jung, sobre o tema da psicose. Com relação à teoria da libido, Jung questiona o valor exclusivo de uma energia sexual envolvida no processo da psicose e aventa que poderia estar no eu a origem da patologia. Freud acaba acrescentando à sua teoria a própria polêmica, ampliando a extensão da sexualidade em direção ao eu, através do narcisismo. Este conceito oferece uma alternativa à energia não sexualizada de Jung.

Com isso, Freud é obrigado a rever a teoria pulsional que, desde o artigo “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão” (FREUD, 1910a/1996), é estruturada como um conflito entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação ou do eu, conforme exibido no seguinte trecho: “Uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e as demais pulsões que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo: as pulsões do ego (...)” (p. 199). Contudo, em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/1996), Freud vê-se obrigado a admitir a existência de investimento libidinal no eu e, com isso, reformula suas considerações: “O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuída a toda criatura viva” (p. 81).

Até a formulação do conceito de narcisismo (FREUD, 1914/1996), este termo denotava a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo como um objeto sexual, ou seja, que o contempla e o afaga visando obter satisfação através destes atos. Desse modo, o narcisismo era considerado uma perversão que absorve a totalidade da vida sexual da pessoa. Entre as perversões relacionadas ao narcisismo estava o homossexualismo, entretanto, o trabalho psicanalítico com os neuróticos conduziu à suposição de que “uma localização da libido que merece ser descrita como narcisismo talvez estivesse presente em muito maior extensão, podendo mesmo reivindicar um lugar no curso regular do desenvolvimento humano” (FREUD, 1914/1996, p. 81).

Essas mudanças exigiram alterações substanciais na teoria das pulsões, o que provocou transformações em todo o campo psicanalítico. Anteriormente, a concepção dualista do conflito era caracterizada pela oposição bem demarcada entre pulsões sexuais e pulsões do eu, sendo que as primeiras possuíam como energia a libido, e as segundas o interesse que visa à autoconservação. Com a formulação do narcisismo, o dualismo começa a ser redefinido, já que as pulsões sexuais podem investir no próprio eu.

Freud penetra na problemática entre o eu e os objetos externos e estabelece a nova distinção, “libido do eu” e “libido do objeto”. A primeira designa uma libido que não emana do eu, mas que é investida no eu, enquanto que a libido objetual está relacionada ao investimento da libido sobre os objetos externos (GARCIA-ROZA,

2000a). Freud também declara que o eu não existe desde o início, é necessário que uma “nova ação psíquica” (FREUD, 1914/1996, p. 84) seja empreendida para que o eu possa surgir a partir das pulsões parciais. Estas pulsões, até então, só conheciam a satisfação no próprio corpo, de modo desarticulado e independente, ou seja, pura satisfação local regida pelo auto-erotismo.

No campo da teoria da sexualidade, o auto-erotismo evidencia o estado original da sexualidade infantil, anterior ao narcisismo, no qual as pulsões buscam satisfação sem recorrer a um objeto externo determinado biologicamente, mas já imerso em um campo fantasmático. A esse respeito, Garcia-Roza salienta:

“Aquilo a que a criança busca em seu sugar sensual não é satisfação de uma necessidade, mas um prazer já experimentado e agora repetido ou rememorado. Foi o sugar o seio materno que deu lugar à experiência primária de satisfação e que a familiarizou com este prazer. Os lábios da criança funcionaram como uma zona erógena e o bico do seio e o fluxo morno do leite funcionaram como estímulo da sensação prazerosa, e o que a criança procura repetir é esse prazer já obtido antes, sendo que agora inteiramente divorciado da necessidade de buscar alimento” (2000a, p. 40).

Devido à experiência de satisfação⁶, há uma independência entre a nutrição e a satisfação. O que anteriormente era vivido como a função de nutrição (ingestão do leite pelo bebê ao sugar o seio), com a experiência de satisfação, é vivido de forma auto-erótica, pois o objeto (seio) passa a ser experimentado como uma parte do próprio corpo. Isso é observado na ação das crianças em chupar o próprio dedo polegar.

Sendo assim, desde a experiência de satisfação, é possível vislumbrar a formação do eu que, no decorrer de sua criação, será investido libidinalmente, abrindo caminho para o aparecimento do narcisismo. No narcisismo, o sujeito toma a si mesmo, o seu próprio corpo, como destino dos investimentos libidinais, convertendo-se em seu objeto privilegiado de amor.

⁶Freud (1895/1996) descreve a experiência de satisfação como uma vivência necessária para a estruturação do psiquismo. No terceiro capítulo da dissertação, acompanharemos as explanações de Freud sobre o assunto, tendo em vista que, a experiência de satisfação constitui-se em uma via para a compreensão das transformações ocorridas com a figura da identificação a partir da formulação da segunda teoria pulsional.

No artigo de 1914, o momento da constituição do narcisismo é contemporâneo do aparecimento do eu, de uma primeira unificação do sujeito que resultou dos investimentos libidinais do narcisismo primário. Freud marca a distinção entre dois momentos do narcisismo: o primário e o secundário. O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe em si toda a sua libido, tornando-se o único objeto de amor. Esse amor do narcisismo primário é derivado dos laços afetivos dos pais com a criança, principalmente revelado quando a esta são atribuídas todas as qualidades e perfeições que eles foram obrigados a renunciar, devido às limitações impostas pela cultura. Com isso, os pais são remetidos aos seus próprios narcisismos. Freud formula que a revivescência do narcisismo dos pais, somada à imagem unificada de si, engendram o eu nascente, investido de toda a libido. Já o narcisismo secundário designa o retorno ao eu da libido retirada dos investimentos objetivos.

A análise do narcisismo conduz, ainda, a um outro tema importante para o nosso percurso: a escolha do objeto. Esta expressão foi introduzida por Freud em “Os três ensaios” (1905a/1996), sendo que, naquele momento, a modalidade anaclítica ou por apoio era a única considerada, fazendo coincidir sempre o objeto sexual com a pessoa responsável pela satisfação das necessidades vitais. Somente em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (FREUD, 1914/1996), o tema das vicissitudes da escolha de objeto será analisado mais detalhadamente e será feita a distinção entre a modalidade de escolha anaclítica e a narcísica. Essa última consiste num dos pontos fundamentais da teoria do narcisismo.

As primeiras elaborações teóricas sobre o tipo narcísico de escolha de objeto estavam relacionadas a uma etapa – a escolha narcísica homossexual – que levava o indivíduo do narcisismo à heterossexualidade, conforme Freud expôs no texto sobre Leonardo da Vinci (FREUD, 1910/1996). Posteriormente, em 1914, essa noção é ampliada e tornada mais complexa, sendo a escolha narcísica “aquela que faz com que a pessoa ame: o que ela é (a si mesma); o que ela foi (seu ego infantil); o que ela gostaria de ser (seu ideal do ego); uma parte de si tornada independente (seu filho). O narcisismo dos pais se satisfaz por meio do carinho dirigido às crianças, às quais encaminham todos os elementos que tiveram de ser sacrificados no altar do Princípio da Realidade” (MEZAN, 1998, p. 182).

Dando prosseguimento à análise do tema do narcisismo, Freud questiona qual seria o futuro do narcisismo infantil. De saída, ele descarta a hipótese da transformação completa em investimentos objetivos. Então, tenta dar conta da problemática formulando o eu ideal. De acordo com as palavras de Freud:

“O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (FREUD, 1914/1996, p. 100-101).

O eu ideal será posteriormente afetado pelas restrições sociais, pelas imposições do mundo em que a criança está inserida e, com isso, tornar-se-á um ideal inacessível, o ideal do eu, ao qual o eu não cessará de comparar-se. A principal função do ideal do eu é a da formação da consciência moral, indicando também a sua função recalcante, que é claramente percebida nas auto-recriminações presentes na neurose obsessiva e nos delírios de observação da paranóia. Com a formulação acerca do ideal do eu, Freud aponta para as bases do conceito de supereu (1923/1996) que, neste artigo, ainda não é definido claramente como uma instância, mas que faz parte do sistema de ideais.

Quanto à distinção entre eu ideal e ideal do eu, Freud não deixa clara sua intenção de diferenciá-los. Entretanto, é possível depreender de seu texto a discriminação entre as duas expressões, principalmente devido às diferenças que ele estabelece para cada uma (GARCIA-ROZA, 2000a).

Em virtude das novidades trazidas pelo artigo de 1914, sobretudo as que versam sobre os investimentos libidinais no eu, em 1915, Freud acrescenta uma nota de rodapé a “Os três ensaios” (1905a/1996). Nesta nota, Freud ratifica o que já havia declarado em “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996), que a noção de incorporação do objeto é um modelo para determinado modo de identificação:

“O objetivo sexual consiste na incorporação do objeto – o protótipo de um processo que, sob a forma de identificação, deverá desempenhar mais tarde um importante papel psicológico. (...) Na sucção do polegar, em que a atividade sexual, desligada da atividade nutritiva, substitui o objeto estranho por outro situado no próprio corpo do paciente” (1905 a/1996, p. 204).

Essa passagem deixa patente que a incorporação – com conotação de assimilação - evidencia um modo de identificação no momento em que o auto-erotismo é o estado vigente pulsional. Sendo assim, o processo de identificação está presente na constituição do psiquismo nascente através da assimilação, esboçando assim os traçados que circunscrevem o eu.

Florence (1984, p. 153) sustenta a idéia de que a identificação é um processo fundamentalmente narcísico do início ao fim, visto que é a operação pela qual o eu assimila e, com isso, transforma os investimentos libidinais dos objetos em investimentos para si. Desse modo, a identificação se mostra como um jogo de regressão narcísico que serve aos interesses libidinais do eu, garantindo a sobrevivência do narcisismo. Sobretudo a identificação que será formulada a partir da introdução do narcisismo (1914/1996) – a identificação narcísica – abre caminho para a compreensão do processo de constituição do eu não patológico, que acaba por criar as formações ideais. Florence (1984) destaca, ainda, que a formação do ideal faz parte da composição do eu desde o início, pois o eu tem o ideal como um modo de enfrentamento do conflito e da culpa surgidos após o assassinato do chefe da horda (FREUD, 1913/1996), ou seja, o ideal é erigido como uma possibilidade de formulação conjunta entre os irmãos:

“Assim a identificação dos filhos com o pai no rito da refeição totêmica põe fim ao luto e à culpabilidade, instaurando o poder proibitivo e exemplar do pai no eu dos sobreviventes. Os exemplos do *totemismo infantil* (...) iam no mesmo sentido para mostrar que *a identificação com o pai morto (ou abandonado como objeto libidinal)* produzia o ideal” (1984a, p. 156, tradução nossa).

A formação dos ideais e o tipo de escolha objetal narcísico circunscritos em 1914, bem como a noção de incorporação presente no ritual totêmico (FREUD,

1913/1996), trazem novos contornos ao tema da identificação, criando a possibilidade para a formulação da identificação narcísica (FREUD, 1915/1996).

Em direta continuidade com as idéias expostas sobre o narcisismo (FREUD, 1914/1996), o artigo “Luto e Melancolia” (FREUD, 1915/1996) formaliza o conceito de identificação, dando também um passo decisivo na teoria do eu. Neste texto, Freud apresenta o conceito de identificação narcísica como um processo responsável pela formação da melancolia.

Freud trata do fenômeno da melancolia comparando-o ao trabalho de luto, ressaltando o curso de retirada do interesse do mundo exterior. O trabalho de luto funciona como uma elaboração psíquica do afeto pela via da realidade, do fato irreversível – perda da pessoa querida –, possibilitando que o eu se liberte do peso da ligação erótica com a pessoa e reinvestindo a libido em outros objetos. Fazer o luto significa que o imperativo da realidade conduziu o psiquismo a uma nova ordenação pulsional, ou seja, a criação de novos laços afetivos. O luto é considerado como paradigma do quadro clínico da melancolia, quadro este que coloca em jogo um objeto perdido, mas que não é abandonado. O desinvestimento que inibe as funções gerais do eu, quando se trata do caso da melancolia, é acrescido do elemento patológico: intensa diminuição do amor próprio, auto-recriminações e sentimentos de culpa exacerbados.

No fenômeno da melancolia, o eu é atingido pelas críticas e humilhações que lhe são dirigidas pelo próprio sujeito. A autocrítica exagerada leva-nos a suspeitar da existência de uma severidade cruel que suplanta a consciência moral, enquanto instância particular do sistema do eu. Entretanto, é necessário acompanhar teoricamente a inversão que o quadro melancólico empreende.

De acordo com Freud (1915/1996), na melancolia, “(...) percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente” (p. 280). Mas, de que modo o sujeito toma para si as acusações que deveriam ser conduzidas ao objeto perdido? A identificação narcísica fornece a chave para compreendermos esse problema: a libido investida no objeto perdido teve de ser retirada e, assim, foi deslocada para outro objeto, neste caso, o próprio eu. Assim, o ódio que deveria estar voltado para o objeto perdido é dirigido ao eu. Entretanto, cabe-nos questionar mais uma vez: de que modo o eu passa a ter as mesmas características do objeto? A idéia de incorporação (FREUD, 1913/1996) é a

base para o processo de identificação enunciado aqui. Com a incorporação, o objeto é introduzido no eu e, assim, o eu é quem passa a sofrer toda a violência. Pela via da ambivalência, o amor e o ódio pelo objeto se refugiam na identificação narcísica e se atualizam no próprio eu. Freud descreve o processo pelo qual a identificação narcísica engendra a melancolia do seguinte modo:

“A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pode daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto abandonado. Dessa forma, uma perda do objeto se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação” (FREUD, 1915/1996, p. 281).

Com isso, Freud elucida o enigma da melancolia através da identificação do eu com o objeto e diz que havia um investimento de pouco poder de resistência, mas que retorna ao eu evidenciando sua natureza narcísica. A regressão empreendida neste modo de identificação remete a nossa atenção novamente ao que foi exposto no texto sobre o narcisismo, a respeito das modalidades de escolha de objeto, anaclítica e narcísica. A melancolia mostra que uma operação narcísica foi estabelecida, ou seja, a relação com o objeto não pôde ser abandonada. O processo melancólico fica condicionado a duas condições básicas: uma forte fixação no objeto amoroso e pouca resistência do investimento, em virtude da escolha ter sido feita numa base narcísica. Com isso, a identificação narcísica promove a conservação do objeto de forma inconsciente no eu, assim, a relação com o objeto é mantida devido à modificação de uma parte do eu. A esse respeito, Freud descreve:

“(…) a escolha objetal é efetuada numa base narcísica, de modo que a catexia objetal, ao se defrontar com obstáculos, pode retroceder ao narcisismo. A identificação narcísica com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa. Essa

substituição da identificação pelo amor objetal constitui importante mecanismo das afecções narcisistas” (1915/1996, p. 282).

Florence (1984) sustenta que, com a introdução do conceito de identificação narcísica, Freud produz um remanejamento profundo na teoria da identificação em relação ao que vinha formulando sobre a identificação histérica. Em decorrência disso, Florence (1984) propõe uma organização no campo da identificação, no qual realiza uma distinção clara entre os modos de identificação narcísica e histérica. A identificação narcísica consistiria na preservação e conservação do objeto, enquanto a identificação histérica consistiria na conservação do eu. No caso da histeria, a relação com o objeto se mantém, mas seria uma relação interdita, e só o sonho e o sintoma apresentariam as indicações das pretensões inconscientes do histérico. Sendo assim, a identificação histérica não altera radicalmente o eu, mas o protege da angústia frente ao aparecimento do desejo. Já a identificação narcísica, presente na patologia melancólica, apresenta o eu devorado pelo objeto, um objeto que o modifica, e que ele próprio não reconhece como tal: “(...) ele se impõe uma clivagem dolorosa, a instalação de um tribunal interiorizado com o veredicto da imperdoável culpabilidade do eu” (FLORENCE, 1984, p. 145).

Segundo Florence (1984), a identificação narcísica era mais profundamente estudada em virtude de que nela estava englobado da teoria da escolha do objeto, a postulação de um estado originário de narcisismo primário, ou seja, de uma identificação com o estado preliminar da escolha de objeto na fase oral canibalista da libido. Se a identificação é o estado preliminar da escolha de objeto, ou, como afirmou Freud, seu protótipo, se ela é a primeira forma, ambivalente, da relação com um objeto, ela é a obra do narcisismo. Isso ocorre na fase em que o eu nascente investe em si como objeto privilegiado de amor, o que indica uma equivalência entre amar e devorar. O devoramento é a forma que o eu usa para incluir o objeto na esfera psíquica, colocá-lo para dentro, ou seja, introjetá-lo (FERENCZI, 1909/1991, 1913/1991)⁷.

⁷ Ferenczi (1909/1991, 1912/1991) formula o conceito de introjeção como o mecanismo fundamental de assimilação do mundo externo pelo psiquismo e, portanto, inaugurador da esfera psíquica. As considerações de Ferenczi sobre a introjeção levam a balizamentos importantes que travam a diferença entre a introjeção, processo de assimilação de sentidos, e a incorporação, mecanismo patológico. Distinção essa inexistente em Freud e crucial para nossa compreensão acerca da identificação. Sendo assim, ao final deste capítulo vamos expor algumas linhas de composição da discriminação entre as categorias de introjeção e incorporação.

Há ainda um outro ponto a ser ressaltado sobre o tipo de escolha narcísica de objeto que marca a regressão ao narcisismo: a ambivalência presente em todas as relações amorosas. Essa ambivalência de sentimentos tem uma oportunidade ímpar de apresentar-se quando da perda de um objeto de amor. O desencadeamento da reação patológica, quando ocorre a perda do objeto, revela o caráter ambivalente da ligação entre o eu e o objeto, o que encerra atitudes obsessivas de auto-recriminações pela perda do outro. É a ambivalência que pode explicar essas auto-recriminações, pois o eu melancólico toma para si as recriminações que deveriam ter sido direcionadas ao objeto perdido. Desse modo, a melancolia é marcada pelos ataques e deprecições ao eu e este não percebe que está totalmente identificado com o objeto perdido que deveria ter sido abandonado. Freud afirma:

“Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugia na identificação narcísica, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento” (FREUD, 1915/1996, p. 284).

Freud diz que tanto na melancolia, neurose narcísica, quanto na neurose obsessiva, a autotortura traz satisfação em virtude das tendências do sadismo e do ódio relacionadas ao objeto, que se voltam contra o eu. Em ambos os casos há, ainda, um ganho adicional, pois as autopunições são a forma de vingar-se do outro que, como disse Freud, é alguém que se encontra de alguma forma por perto. Notam-se, então, dois caminhos tomados pelo investimento amoroso no caso da melancolia: “(...) parte dela(e) retrocedeu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito devido à ‘ambivalência’, foi levada de volta à etapa de sadismo que se acha mais próxima do conflito” (FREUD, 1921/1996, p. 284). Freud também lança mão das considerações acerca do sadismo para elucidar a questão dos atos suicidas tão freqüentemente associados à patologia melancólica. A intensa hostilidade que é dirigida ao objeto volta-se contra o próprio eu em decorrência da identificação narcísica.

O jogo complexo da identificação narcísica entre o eu e os objetos, em “Luto e melancolia” (FREUD, 1915/1996), deixa claro que Freud apresentou as noções de eu e de objeto como indissociáveis, partes de um mesmo conjunto, do mesmo modo que o

processo identificatório não pode ser desvinculado da constituição do eu e da relação com o mundo.

Finalizamos essa análise salientando que a entrada em cena do narcisismo promoveu a expansão do tema da identificação em Freud, pois, a partir daí, a identificação passou a ocupar um lugar decisivo no processo de constituição do eu, bem como demarcou modos de ligação do eu com o objeto. Percebemos, também, que o fenômeno da assimilação do animal totêmico, designado por Freud como incorporação (FREUD, 1913/1996), cria as bases conceituais para a compreensão das diferenciações do eu produzidas pelo processo de identificação. Entretanto, Ferenczi (1909/1991, 1913/1991) leva-nos a uma distinção importante entre o processo de incorporação e de assimilação, este último conceituado por ele como introjeção dos sentidos do objeto. A diferença entre os conceitos se sustenta à medida que Ferenczi considera a introjeção como o processo fundador do aparato psíquico e sustentáculo das identificações (REIS, 2004). Portanto, passaremos a expor alguns pontos da conexão entre introjeção e identificação.

1.6 - Identificação e Introjeção

Como pudemos acompanhar, o tema da identificação encontra-se articulado a vários conceitos e noções do arcabouço teórico freudiano. Essa peculiaridade traz para o campo da identificação mesclas conceituais que ampliam seu estatuto na constituição do psiquismo, mas também, algumas vezes, obscurecem a análise das imbricadas relações entre as identificações formuladas por Freud e os demais componentes de sua teoria. O tema da identificação não escapa à tendência freudiana de produzir entrecruzamentos conceituais, motivo pelo qual se pode, a partir de uma noção ou conceito, remeter-se a inúmeros outros. Não há uma linearidade a ser seguida na obra freudiana, nem mesmo a cronologia dos textos nos fornece um caminho em linha reta para a compreensão de suas idéias. Seu texto exige-nos um trabalho de tecelã, fiando e desfiando seus conceitos, idéias e análises, para que assim, possamos fazer surgir a compreensão sobre o que nos propomos investigar.

No que diz respeito às identificações apresentadas por Freud, desde suas cartas à Fliess até a entrada em cena do narcisismo, encontramos inúmeras articulações. Só para

recordarmos algumas dessas relações, nós temos: identificação e histeria, identificação e sonhos, identificação e assimilação, identificação e incorporação, identificação e narcisismo. Entretanto, consideramos necessário fazer uma distinção entre os mecanismo da incorporação e da assimilação como fundamento para o processo identificatório. Para tanto, lançaremos mão das contribuições de Ferenczi (1909/1991, 1913/1991) sobre o fenômeno da introjeção.

Ferenczi (1909/1991) formula o conceito de introjeção ao observar, na sua clínica, a tendência exagerada dos neuróticos em absorver e tomar para si uma fração do mundo, fato este manifestado preponderantemente no fenômeno de transferência. A partir das observações clínicas de Ferenczi, o conceito de introjeção é forjado como o processo pelo qual se dá a absorção do mundo externo na esfera psíquica e a metabolização dessa assimilação. Pinheiro (1995) nos coloca que o ponto de partida do pensamento ferencziano sobre a introjeção está em consonância com a proposta de Freud em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/1996), texto publicado cinco anos após o artigo de Ferenczi (1909/1991) “Transferência e Introjeção”. Tanto Freud quanto Ferenczi concebem o psiquismo a partir do auto-erotismo, em que “uma nova ação psíquica” (FREUD, 1914/1996, p. 84) provocaria a mudança da direção pulsional para o objeto. Para Ferenczi, o processo pelo qual ocorre a constituição do eu, bem como dos objetos a serem investidos, é a própria introjeção.

Conforme as palavras de Ferenczi (1913/1991):

“Eu descrevi a introjeção como extensão ao mundo externo do interesse, auto-erótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na esfera do ego. Insisti nessa ‘introdução’, para sublinhar que considero todo *amor objetal* (ou *toda transferência*) como uma extensão do ego ou *introjeção*, tanto no indivíduo normal quanto no neurótico (e no paranóico também, naturalmente, na medida em que ele conserva essa faculdade)” (p. 181).

Com isso é possível depreender que a introjeção é decorrente da difusão da pulsão, de origem auto-erótica, em direção ao mundo exterior ao aparato. Sendo assim, seu conceito de introjeção traz à baila a dinâmica dos investimentos pulsionais empreendidos pelo aparato psíquico, desde seus primeiros contatos com o meio circundante. Essa dinâmica traz, para o campo de ação do auto-erotismo, frações de

impressões sensórias do mundo que promovem a expansão do eu (REIS, 2004). Com isso, há o processo de construção de si e do mundo ocorrendo simultaneamente, introjeções que engendram o eu e o outro ao mesmo tempo. Se esse processo de criação envolve a introjeção de partes do mundo, de que modo isso ocorre? Reis (2004), fazendo uma leitura acurada do texto ferencziano, salienta a sutileza do processo de introjeção, ao observar que não se trata da apreensão de objetos. Mas a introjeção se constitui num movimento de captura de “marcas diferenciais das sensações de prazer/desprazer que conferem qualidade à experiência do eu nascente” (p. 60).

Ferenczi (1909/1991) explica que a introjeção tem lugar após uma projeção primitiva, da qual o eu lança mão para defender-se do desprazer. O recém-nascido experimenta todas as coisas indiscriminadamente, sejam impressões externas ao aparato ou pulsionais. Com o tempo, a criança percebe o que pode e o que não pode ser submetido à sua vontade e, com isso, distingue o eu do mundo externo. Quando a criança expulsa os “objetos” (FERENCZI, 1909/1991, p. 85) da totalidade de suas percepções, até então aglomeradas, compõe com eles o mundo externo ao psiquismo. Com isso, ela também opõe a esses objetos o eu, inaugurando assim “o *percebido* objetivo (*Empfindung*) do vivenciado subjetivo (*Gefühl*). Assim, a criança efetua a sua operação projetiva elementar, a ‘projeção primitiva’” (FERENCZI, 1909/1991, p. 85). Entretanto, o eu não consegue expulsar uma porção do mundo externo que persiste em se impor, exigindo que o eu tome uma posição de amor ou de ódio em relação a essa porção. Em decorrência dessa pressão, o eu reabsorve uma parte do mundo externo e a inclui em si, constituindo assim, a “introjeção primitiva” (FERENCZI, 1909/1991, p. 85). Ferenczi sustenta que:

“O primeiro amor, o primeiro ódio realizaram-se graças à transferência: uma parte das sensações de prazer ou de desprazer, auto-eróticas na origem, descolam-se para os *objetos* que as suscitaram. No início, a criança só gosta da *saciedade*, porque ela aplaca a fome que a tortura – depois acaba gostando também da mãe, esse objeto que lhe proporciona saciedade. O primeiro *amor objetal*, o primeiro *ódio objetal* constituem, portanto, o modelo, de toda transferência posterior, que não é, por conseguinte, uma característica da neurose mas a exageração de um processo mental normal” (FERENCZI, 1909/1991, p. 85).

Contudo, o movimento que os investimentos pulsionais executam deriva das condições do sistema perceptivo em cada momento de vida do psiquismo. De acordo com essas condições, o eu nascente regula as sensações de prazer e desprazer em cada momento, determinando os diferenciais quantitativos e qualitativos que norteiam o percurso dos investimentos. Segundo Reis (2004), o conceito de introjeção permite pensar a dinâmica do aparato psíquico em ligação com o mundo formado a partir das “impressões sensíveis (signos perceptivos) advindas dos contatos do bebê com o seu mundo, que não é vivido como algo externo, e sim como parte constituinte de sua subjetividade” (p. 61)

A partir desses pressupostos, podemos conceber as introjeções primitivas como o manancial do processo identificatório. Através do mecanismo de introjeção, o psiquismo se apropria dos sentidos e impressões advindos da relação com o outro e, promove associações deste material e, com isso, a introjeção realiza uma circulação libidinal contínua, que urde o corolário das identificações, além de promover a estruturação narcísica subjetiva.

O conceito de introjeção é fundamental para o arcabouço teórico de Ferenczi, entretanto, ao longo de sua obra, tal conceito encarna sentidos variados e, algumas vezes, contraditórios. Como pudemos acompanhar ao longo deste capítulo, no que concerne à categoria de identificação, Freud também não a delimita com precisão, misturando termos como identificação e incorporação. Contudo, a teoria de Ferenczi levou Abraham e Torok (1978/1995) a traçar uma distinção entre as diversas referências do termo introjeção na obra ferencziana, demarcando, assim, duas categorias distintas: a de introjeção e a incorporação. Para esses autores, o mecanismo de introjeção está relacionado com a assimilação psíquica de algumas propriedades referidas ao objeto, com o intento de engendrar o enriquecimento do eu. Sendo assim, a introjeção atua como fundamento para os processos identificatórios e de constituição do eu. Já a incorporação surge em decorrência da impossibilidade de a introjeção ocorrer.

Quando alguma característica da relação com o mundo impede o eu de realizar a introjeção, o eu forja a incorporação do objeto, como um mecanismo de defesa, para fugir do risco de uma não-incorporação. Na incorporação não há a apropriação dos signos que transitam na relação eu – mundo, tal como ocorre na introjeção, mas a instalação de um estrangeiro que encerra uma clivagem no eu. Com isso, a incorporação

instala no psiquismo não a mediação da introjeção, que é o próprio modo de funcionamento do aparato, mas um fantasma decorrente da impossibilidade da introjeção. A partir da análise de Pinheiro (1995), podemos concluir que o fenômeno da incorporação cria no eu um território estrangeiro, diverso do recalcado da histeria. No caso do recalcado, este é passível de ser despertado pela lembrança, enquanto na incorporação, o objeto não deixa nenhum traço, existindo de modo silencioso: “De alguma maneira mantida em segredo, nela (introjeção) o objeto não traz consigo os sentidos que enriquecem o ego. (...) Seu objetivo é fazer crer na realização da introjeção que de fato não houve” (PINHEIRO, 1995, p. 53).

De acordo com a distinção entre introjeção e incorporação que acabamos de expor, é possível depreender que o processo de identificação encontra vias de composição diferentes quando pautado no fenômeno da introjeção do que quando marcada pela incorporação. Por presenciarmos que a figura da identificação vai se tornando aos poucos, na obra freudiana, um processo fundamental do aparato psíquico, podemos perceber que esta se origina do fenômeno da introjeção, que de acordo com o referencial ferencziano, seria introjeção de sentidos, tais como, impressões e atributos do objeto.

Finalizamos este primeiro capítulo, cujo objetivo central foi investigar, nos textos da primeira teoria pulsional freudiana, o modo pelo qual a identificação passou a ser progressivamente entendida como um processo fundamental na constituição do psiquismo.

Em nossa pesquisa, pudemos constatar que o processo de identificação ocorre através da apreensão inconsciente de impressões, aspectos, propriedades ou atributos de uma outra pessoa e, com isso, a subjetividade é transformada, total ou parcialmente, seguindo as modulações da relação com o outro. Desse modo, a identificação passa a ser concebida a partir de um registro relacional estritamente necessário para a constituição psíquica.

No próximo capítulo, daremos seguimento à cartografia da identificação em Freud, considerando todas as mudanças que a introdução da segunda teoria pulsional (FREUD, 1920/1996) trouxe para o campo metapsicológico e, conseqüentemente, para o nosso tema.

Capítulo II

A Identificação: processo formador de laços

Como pudemos acompanhar no capítulo anterior, no percurso compreendido entre o estudo sobre os sonhos e a entrada em cena do narcisismo, o tema da identificação dá um grande salto, tornando-se um conceito central da teoria freudiana. O caminho traçado pela identificação nos textos relativos à primeira teoria pulsional demarca duas vertentes. Uma vertente mais preponderante, que relaciona a identificação aos fenômenos sintomáticos, conforme indicado no caso da histeria e da melancolia, e a outra vertente, que situa a identificação como um processo que engendra os modos de ligação presentes na constituição do laço social, tal como descrito em “Totem e tabu” (1913/1996) acerca da identificação com a figura do pai e da identificação entre os irmãos.

A partir de 1920, com a reviravolta teórica empreendida pelo segundo dualismo pulsional, Freud acentua o estatuto metapsicológico da identificação, formulando-a como o modo originário de ligação com outra pessoa (1921/1996). Em 1923, no texto em que apresenta a nova arquitetura do aparato psíquico, Freud vai mais longe, ao considerar a existência de identificações diretas e imediatas, que ocorrem anteriormente à escolha de objeto sexual, portanto, não submetidas à lógica edípica. Para que possamos investigar esses indícios levantados por Freud, realizaremos algumas articulações entre os textos que concebem o novo viés da identificação na segunda teoria pulsional, sem nos preocuparmos, entretanto, em acompanhar a cronologia das publicações freudianas.

1.1 - A identificação como ligação originária

O tema da identificação – atrelado à formação do laço social – é investigado com minúcia no texto “Psicologia de grupo e análise do ego” (FREUD, 1921/1996). Este texto está diretamente relacionado com a reformulação metapsicológica

empreendida em “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/1996), além de apresentar certa continuidade com as idéias desenvolvidas no mito de “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996), bem como as formuladas nos artigos “Sobre o narcisismo: uma introdução” (FREUD, 1914/1996) e “Luto e melancolia” (FREUD, 1915/1996). Os assuntos abordados são, prioritariamente, a formação do grupo e a constituição do eu. Este último é delimitado a partir das inovações trazidas pela segunda teoria pulsional (FREUD, 1920/1996) e só terá sua elaboração final circunscrita no ensaio “O eu e o isso” (FREUD, 1923/1996).

No texto de 1921, Freud dedica-se pela primeira vez, de forma sistemática, ao problema da identificação. No capítulo VII desta obra, Freud apresenta uma tentativa de síntese, recapitulando tudo o que fora dito sobre a identificação em seus estudos e, com isso, retoma algumas questões já difundidas nos textos sobre o narcisismo e sobre a melancolia: o amor, a relação entre narcisismo e patologia e a origem da função do ideal.

Nesse ensaio, Freud se propõe a analisar a ligação entre o indivíduo e a sociedade, recolocando o problema dessa relação ao desafiar o dualismo indivíduo/sociedade prevalente nas ciências humanas do início do século XX⁸. O problema da dicotomia entre indivíduo e sociedade fica enfraquecido quando Freud afirma que:

“O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado de mais perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de

⁸ Herzog, R; Fara, B. & Mograbi, D. (2006) sustentam que Freud apresenta em sua obra momentos de aproximação e de afastamento com o ideário da modernidade. Como exemplo, em “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996) é possível ver a separação bem demarcada entre sociedade e indivíduo, “priorizando uma hierarquia, que sugere a subjugação do segundo pelo primeiro, tendo como horizonte a harmonia social” (HERZOG, R; FARA, B. & MOGRABI, D., 2006, p. 4-5) e, com isso, o pensamento freudiano se situa em plena conformidade com o imaginário moderno. Entretanto, também nesse texto, Freud aponta para um paralelismo entre o individual e o social e, assim, rompe com a lógica hierárquica moderna que busca responder quem é o mais originário, o homem ou a sociedade.

maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (1921/1996, p. 81).

Sendo assim, podemos considerar que a divisão entre o individual e o grupal que a psicologia empreende apresenta uma grande dificuldade para o estudo da formação tanto do coletivo quanto da subjetividade. Freud reformula a problemática indivíduo/coletivo, ao dizer que os fenômenos sociais em nada diferem dos fenômenos familiares e, nessa medida, é possível afirmar que a psicologia social em nada difere da psicologia individual.

Este modo de dispor a questão confere ao processo de identificação uma relevância declaradamente primordial: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1921/1996, p. 115).

O termo laço, o qual Freud refere à identificação na passagem anterior, remete-nos à noção de ligação, em alemão *Bindung*. Este termo entremeia toda a trama conceitual freudiana e se apresenta como de crucial importância. Herzog (2003) sustenta que a noção de ligação responde por um dos aspectos mais originais do pensamento de Freud. Isso pode ser constatado pelo fato de que, já no texto “Projeto para uma psicologia científica” (1895/1996), a noção de ligação encontra-se articulada à instauração do aparato psíquico, ao seu funcionamento e, no decorrer da obra, dá inteligibilidade aos conceitos de pulsão, repetição, transferência (HERZOG, 2003) e identificação. Herzog (2003) nos indica que o ineditismo trazido por Freud com a noção de ligação refere-se à “consideração de que no âmbito do estabelecimento das relações a ligação com o outro, traduzindo-se no investimento objetual ou na ligação narcísica, é condição de possibilidade” (p.49) para o surgimento da identificação.

A afirmação de Freud da identificação como laço remoto deixa transparecer a importância do encontro com o outro, da ligação, sendo assim, a oposição individual/social tem seu valor enfraquecido. O que passa a ocupar o centro da problemática, a partir de então, são os modos de formação dos laços. Partindo dessa premissa, podemos sustentar que a psicanálise está interessada no conjunto dos encontros pulsionais que engendram tanto o subjetivo quanto o social.

Freud, nas páginas iniciais de seu artigo (1921/1996), examina as formulações apresentadas por LeBon, McDougall, Trotte e Tarde, os quais empregam as idéias de contágio mental, sugestão, instinto gregário, imitação para tentar explicar o fenômeno da formação social do grupo. Apesar de Freud oferecer argumentos que o distanciam desses autores, consideramos ser possível encontrar pontos de ressonância entre Freud e Gabriel Tarde. Este último autor sustenta que as relações sociais dependem de cada um dos relacionamentos (TARDE, 1890/2001). Assim como Freud (1921/1996), Tarde (1890/2001) considera que a base para a compreensão do social é a análise dos laços sociais, ou seja, o modo como se dá o agenciamento do coletivo, levando em conta as disposições específicas e diversificadas de relacionamentos.

Freud e Tarde são autores de campos diversos, um psicanalista, o outro jurista e sociólogo, entretanto, voltados para o mesmo interesse, a análise da formação de laços. O que chamou a nossa atenção foi o fato de ambos articularem a questão indivíduo/sociedade de maneira semelhante, ou seja, partirem da idéia de que o individual e o coletivo não são entidades de natureza distinta. Em verdade, Tarde e Freud respondem à mesma questão – da formação do laço social – a partir de perspectivas diferentes. Tarde (1890/2001) elege a noção de imitação como chave para o entendimento da construção do social, enquanto Freud põe em segundo plano este termo. Contudo, temos em conta que as discordâncias entre Freud e Tarde merecem maior detalhamento, visto que Freud não descarta completamente a idéia de imitação. No caso Dora (FREUD, 1905/1996), por exemplo, Freud utiliza a noção de imitação ao relatar que Dora repete, em seu sintoma histérico, a tosse do pai. Outro exemplo é encontrado em “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996), na circunstância da festividade que antecede ao devoramento do animal totêmico. Os filhos reunidos imitam as características do animal, como uma etapa da assimilação dos poderes que este animal encarna.

Esses indícios nos levam a inferir que Freud não desconsidera a noção de imitação como um fenômeno aglutinador, entretanto, percebe que a imitação não é uma mera reprodução dos atos de uma pessoa pela outra. A imitação, para Freud, se refere a um processo articulado à identificação, envolvido com a produção de laços. Seja a imitação de um traço de cunho sexual, como no caso de Dora (FREUD, 1905/1996), seja a imitação de uma ação que não está remetida a nenhum conteúdo sexual

compartilhado anteriormente entre dois eus, conforme descrito no terceiro tipo de identificação⁹ (FREUD, 1921/1996), ou seja, a identificação está sempre presente como um processo capaz de engendrar a imitação.

Conforme exposto no primeiro capítulo, o processo de identificação está envolvido com a complexa dinâmica pulsional, proveniente do contato com o mundo. Com isso, podemos depreender que a imitação à qual Freud parece se referir não é a mera reprodução de um ato, mas está remetida à introjeção (FERENCZI, 1909/1991) de sentidos e impressões que produzem a identificação e a ligação com o mundo. É nessa medida que o pensamento de Freud encontra ressonâncias com o de Tarde (1890/2001), pois este concebe a imitação como o substrato da criação das ligações entre as pessoas, ou seja, da formação do laço social. Tarde (1898/2001) sustenta que imitação e invenção do coletivo funcionam conjuntamente:

“Socialmente, tudo não passa de invenção e imitação, e estas são os rios de que aquelas são as montanhas; nada menos sutil, de certeza absoluta, que esta visão; mas seguindo-a ousadamente, sem reserva, desdobrando-a desde o menor detalhe até o mais complexo conjunto de fatos, talvez se observe como ela é apta a pôr em relevo todo o pitoresco e, por sua vez, toda a simplicidade da história (...)” (TARDE, 1898/2001, p. 23, tradução nossa).

Para Tarde (1890/2001), em linhas gerais, a imitação está fundamentada na ação de um sujeito sobre o outro, só pode ser imitado aquilo que age sobre o sujeito, aquilo que o afeta. A imitação nunca está referida exclusivamente a uma semelhança prévia que o eu deve imitar, mas remete a algo que afeta a subjetividade, impelindo-a a criar laços sociais. Tarde (1890/2001) sustenta, ainda, que uma pessoa nunca é habitada por uma única série imitativa, mas por uma multiplicidade delas, e que tais séries são contraditórias. Isso impede que um indivíduo seja uma simples cópia de um modelo por ele imitado. Desse modo, o conceito de imitação em Tarde afasta-se dos domínios da representação, já que manifesta as ações de um indivíduo sobre o outro e não a cópia de uma ação a partir do modelo. Por isso, Tarde (1890/2001) afirma que: “o mais imitador dos homens é inovador por qualquer lado” (p. 7, tradução nossa).

⁹ No decorrer deste capítulo, examinaremos os três tipos de identificação apresentadas por Freud no capítulo VII de “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/1996).

Na imitação, não se trata de uma repetição mecânica, mas de uma repetição dinâmica que conduz constantemente a uma transformação das subjetividades envolvidas (THEMUDO, 2002). A relação entre as pessoas se dá através do contágio imitativo que as conduz à criação do laço social. Tal invenção surge a partir de um ponto de divergência na série imitativa inicial. Neste ponto, podemos nos reportar a “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996), quando, a partir de uma série inicial, em que os filhos se reúnem para matar o chefe da horda, surge, entre eles, a invenção da identificação, do laço originário, ao se reconhecerem entre si como irmãos após o assassinato do pai. Como sabemos, o ato inaugural do assassinato será reproduzido nas festividades totêmicas, momento em que os homens imitam o animal como parte do ritual de assimilação dos poderes do totem.

É sabido que Freud se distancia de Tarde ao investigar o campo de forças que engendra as subjetividades e o coletivo. Freud mergulha no turbilhão das pulsões para dar conta do fenômeno formador do psiquismo e dos laços sociais. Ele investigará as batalhas travadas nos “estratos mais profundos da mente” (FREUD, 1923/1996, p. 51). Entretanto, o conceito de Tarde nos ajuda a pensar o processo originário de formação de laços, ou seja, a própria identificação, na medida em que profere a imitação como um mecanismo de ação de um indivíduo sobre o outro, independente de traços apreendidos anteriormente e responsável pela formação do grupo. Em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/1996), Freud expõe o conceito de identificação de tal modo que o aproxima do conceito de imitação de Tarde. Isso fica evidente em dois momentos. Primeiro, quando Freud declara que a identificação primária independe de qualquer relação anterior com o objeto. Segundo, quando ele expõe o terceiro tipo de identificação, responsável pela formação dos grupos, como produtor de uma série imitativa que não está calcada em nenhum elemento comum *a priori* entre dois eus.

Entretanto, Freud vai além do fenômeno imitativo, ao considerar que a teoria da libido é uma possibilidade de compreensão para o fenômeno da formação dos grupos. Ele sustenta que a teoria da libido, com a questão da ligação à outra pessoa, é uma via de entendimento para a metamorfose que o ser humano vive quando inserido num grupo. Os autores da área social já haviam descrito que as pessoas apresentam comportamentos específicos quando estão em grupo, entretanto, não explicaram como isso ocorre. Freud tenta responder a essa questão dizendo que é a formação do laço

emocional, na figura do fenômeno amoroso, a responsável por tal metamorfose. De acordo com Freud:

“Tentaremos nossa sorte, então, com a suposição de que as relações amorosas (ou, para empregar expressão mais neutra, os laços emocionais) constituem também a essência da mente grupal. (...) Em primeira instância, nossa hipótese encontra apoio em duas reflexões de rotina. Primeiro, a de que um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo? Segundo, a de que, se um indivíduo abandona a sua distintividade num grupo e permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles (...)” (1921/1996, p. 117-118).

Neste trecho, fica clara a referência à segunda teoria pulsional (FREUD, 1920/1996), ao ressaltar que Eros é o responsável pela união das pessoas. Esta pulsão de ligação mostra o problema da economia libidinal, que Freud analisará baseado em dois exemplos de formação de grupo: o exército e a igreja. Estes dois grupos são altamente organizados, permanentes e artificiais. Além disso, forças externas são empregadas para evitar a sua dissolução e qualquer tentativa de abandoná-los ou contestá-los é seguida de severa punição. Freud diz que tanto no grupo do exército quanto no da igreja há a ilusão de que existe um líder: na igreja, Cristo, e no exército, o comandante chefe, que ama igualmente cada um dos componentes do grupo. Todo o grupo depende dessa ilusão organizadora e sem ela o grupo se esfacelaria. “Não há dúvida de que o laço que une cada indivíduo a Cristo é também a causa do laço que une uns aos outros. A mesma coisa se aplica a um exército” (FREUD, 1921/1996, p. 110). Com isso, Freud afirma que o que sustenta uma pessoa no grupo são os laços libidinais que nele se criam, primeiramente, em relação ao líder, e que acabam criando o próprio grupo.

Com essa hipótese, Freud analisa o fenômeno do pânico que ocorreria exatamente devido à dissolução dos laços entre as pessoas, cuja consequência é o esfacelamento do grupo. Na situação do pânico, a pessoa só pensa em si própria, o que evidencia o rompimento da ligação com o outro e a desorganização da estrutura libidinal do grupo. O perigo só pode ser enfrentado se cada um sentir-se apoiado pelos

companheiros, por isso, se há o desenlace libidinal entre as pessoas do grupo, o pânico é instalado.

A questão da ligação entre os componentes do grupo torna-se mais clara à medida que Freud observa detalhadamente a formação dos grupos, no caso da igreja e do exército. Ele percebe que o que mantém as pessoas ligadas nesses dois grupos é a ocorrência de dois tipos de laços emocionais. O primeiro e mais importante é o vínculo com o líder, e o segundo é o vínculo entre os componentes do grupo. Sendo assim, é possível depreender que um grupo é caracterizado pela existência dos vínculos afetivos entre seus componentes e, caso o afeto seja extinto, o grupo se dissipa.

Contudo, sabemos que as ligações libidinais são marcadas pela ambigüidade, conforme pudemos acompanhar na descrição mítica de “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996). A convivência entre as pessoas, ao mesmo tempo em que lhes resguarda do pânico decorrente do esfacelamento do laço, também apresenta manifestações de ódio e intolerância. Freud considera que a aversão e a hostilidade são as bases das relações, mas que essas não aparecem diretamente deste modo devido à atuação da repressão. A partir dessa constatação, Freud indaga: o que levaria o ser humano a abrir mão do amor por si mesmo em prol do grupo? Ele responde que “o amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor pelos objetos” (1921/1996, p. 130).

Anteriormente, Freud havia mostrado que a libido investe primeiramente no eu, no momento do narcisismo primário. Posteriormente, o investimento libidinal é dirigido aos objetos e retorna para o eu, caracterizando o narcisismo secundário (FREUD, 1914/1996). O ser humano faz seus primeiros investimentos libidinais nas pessoas que se dedicam a cuidar dele e a amá-lo na mais tenra infância. Sendo assim, a criança, desde cedo, é conduzida a amar, além de si mesma, o outro que cuida dela, e que nela investe; com isso, o amor narcísico é posto à prova frente aos novos laços libidinais que surgem. Quando da formação do grupo, o amor por si mesmo também é desafiado, favorecendo a ligação entre os seus membros. Mas, falta responder à questão: o que realmente produz a ligação entre os membros do grupo? Freud responde: “Na verdade, aprendemos da psicanálise que existem realmente outros mecanismos para os laços emocionais, as chamadas identificações, processos insuficientemente conhecidos e difíceis de descrever” (1921/1996, p. 131).

Com isso, Freud abre caminho para seu estudo mais detalhado sobre a identificação. No capítulo VII de “Psicologia de grupo e análise do ego” (FREUD, 1921/1996), encontramos a maior digressão sobre o tema da identificação em toda a obra de Freud. Conforme o exposto até este momento, a identificação foi mencionada em vários textos, articulada com inúmeros conceitos sem, contudo, receber a atenção apropriada, que delimitasse o tema e o circunscrevesse conceitualmente. No texto de 1921, Freud distingue as características da identificação e salienta a existência de três modos de identificação, que analisaremos a seguir. Nesse texto, Freud nos diz que:

“A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. Este comportamento nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai (ou aos indivíduos do sexo masculino em geral); pelo contrário, é tipicamente masculina. Combina-se muito bem com o complexo de Édipo, cujo caminho ajuda a preparar” (FREUD, 1921/1996, p 133).

Com esta passagem, Freud traz dois elementos bastante inovadores para a identificação. A primeira inovação é a identificação elevada a mais remota expressão de ligação com outra pessoa. Com isso, podemos perceber que a relação da identificação com o aparato psíquico é recolocada. A identificação vai, gradativamente, se constituindo no processo que promove ligações constituintes do psiquismo.

Já a segunda inovação, decorrente da primeira, é considerar a identificação como a base da história primitiva do complexo edípico em que, no caso do menino, este tem o pai como um ideal a partir da identificação com ele. Nesse caso, a identificação é a via para que o menino tenha o pai como modelo. Freud nomeia esta identificação, que abre caminho para o complexo de Édipo, como identificação primária.

A identificação primária aparece, então, situada anteriormente ao complexo edípico. O texto ressalta que este tipo de identificação nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai, ou seja, não se trata de ter o pai como um objeto de amor, mas de ser como o pai e, assim, imitar o pai na escolha de objeto de amor. Analisando mais detalhadamente a colocação de Freud, podemos conjecturar que este

tipo de identificação é um processo de constituição de laço que parece não estar submetido à lógica do recalque, pois a identificação primária encontra-se presente antes mesmo que um desejo edípico seja recalado. Afigura-se, assim, um tipo de identificação que está remetido às impressões e sensações que atingem a criança pequena e invadem o psiquismo nascente.

“Ao mesmo tempo que essa identificação com o pai, ou pouco depois, o menino começa a desenvolver um catexia de objeto verdadeira em relação à mãe, de acordo com o tipo anaclítico de ligação. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe e uma identificação com o pai que toma como modelo. Ambos subsistem lado a lado durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua. Em consequência do avanço irresistível no sentido de uma identificação da vida mental, eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência” (FREUD, 1921/1996, p. 133).

Desde “Totem e tabu” (1913/1996), Freud tem o complexo de Édipo como a reprodução, no âmbito pessoal, do mito do assassinato do pai da horda primeva. Na esfera social, para que fosse possível a identificação, ou seja, a formação de laços sociais, os irmãos precisavam matar o pai. No âmbito pessoal, o pai é vivido como o rival que impede os investimentos libidinais em direção à mãe. E a identificação, neste caso, decorreria desse amor pela mãe, que identifica o menino ao pai. Todavia, Freud edifica a identificação primária claramente como uma experiência de ligação que antecede ao drama edípico de cada um. Quanto ao mito de formação da sociedade, também é possível questionarmos se não há nele encoberta uma identificação primária entre os filhos expulsos da horda, o que viabilizou a reunião destes e, com isso, o retorno à horda e o assassinato do pai em grupo. Filhos identificados, ligados pelo fato de terem sido todos excluídos da horda primeva, vítimas da violência do pai feroz. Mas em que estaria baseada essa identificação primária? Apesar de Freud não responder a essa questão, ele aponta algumas pistas.

Um delas é a correção que Freud propôs numa nota de rodapé do texto “O eu e o isso” (1923/1996, p. 44), quando sustenta que a identificação primária dá-se na relação da criança com ambos os pais e não somente com o pai, conforme considerava no texto de 1921 (ver citação anterior). Essa retificação ocorre devido ao fato de que, antes de

uma criança ter o conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, ela não faz distinção de valor entre o pai e mãe. Aqui vale ressaltar que considerar a existência de identificações primárias com o pai e a mãe retira de cena a referência mítica do parricídio como fundadora da identificação primária. Nesse ponto, consideramos, mais uma vez, que Freud concebe a identificação como um processo baseado em impressões, ou se preferirmos utilizar uma noção freudiana, em signos de percepção que formam o estrato mais rudimentar do aparato psíquico (FREUD, 1896/1996). No capítulo seguinte, nos debruçaremos sobre a hipótese da identificação primária estar referida aos signos de percepção na tentativa de lançar luz sobre este modo de ligação. Por hora, continuaremos analisando o texto de 1921.

Avista-se, então, que Freud indica a identificação primária como anterior ao investimento afetivo, sendo assim, torna-se impossível conceber a interdição dos desejos edípicos como condição para o surgimento deste tipo de identificação. O que o texto freudiano deixa claro é que, no complexo de Édipo, há a ocorrência de uma identificação secundária. A vivência do complexo edípico resulta da junção dos investimentos afetivos e da identificação secundária: “eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência” (FREUD, 1921/1996, p. 133).

Apesar de Freud tentar distinguir os tipos de identificação, suas exposições sempre trazem elementos complicadores para o tema. Em “Totem e tabu” (1913/1996), há a correspondência entre a identificação totêmica e o que ele chamou de incorporação, e este processo está relacionado com a origem do laço social. Entretanto, no texto de 1921, a introdução da identificação primária com os pais em nada se parece com a identificação descrita em “Totem e tabu” (1913/1996), prioritariamente com o pai. Segundo Freud:

“É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre identificação com o pai e escolha deste como objeto. No primeiro, o pai é o que gostaríamos de ser; no segundo, o que gostaríamos de ter, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. O primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita. É muito difícil fornecer a representação metapsicológica clara da distinção. Podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego

de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (FREUD, 1921/1996, p. 134).

Na passagem em que se refere a um laço com um sujeito, em vez de uma ligação com um objeto, Freud deixa claro que está falando da identificação primária, entretanto, levanta a problemática: de que modo o outro é vivido como modelo identificatório? Mais uma vez, Freud deixa em aberto a questão e passa a analisar um segundo modo de aparecimento da identificação.

“O menino nota que o pai se coloca em seu caminho, em relação à mãe. Sua identificação com ele assume então um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe. A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto de um desejo de afastamento de alguém. Comporta-se como um derivado da primeira fase da organização libidinal, da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. O canibal, como sabemos, permaneceu nessa etapa; ele tem afeição devoradora por seus inimigos e só devora as pessoas de quem gosta” (1921/1996, p. 133-134).

Nessa passagem, Freud refere-se ao pai do complexo de Édipo, rival na disputa pelo objeto de amor. O menino se identifica agora no sentido de que ser o pai é ter a mãe. A ambivalência ressaltada no trecho acima também indica as ressonâncias entre a ligação triangular edípica e a situação mítica do pai da horda primitiva, marcada pela fase oral canibalista.

O segundo tipo de identificação salientado no texto de 1921 refere-se à identificação que substitui a escolha de objeto, portanto, é derivada do complexo de Édipo. A análise do caso Dora (FREUD, 1905/1996) evidencia uma série de identificações secundárias relacionadas à formação do sintoma histérico. Assim nos diz Freud:

“A identificação pode provir do complexo de Édipo; nesse caso, significa um desejo hostil, por parte da menina, de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa seu amor objetual pelo pai, ocasionando realização, sob a influência do sentimento de culpa, de seu desejo de assumir o lugar da mãe. (...) Ou, por outro lado, o sintoma pode ser o mesmo

que o da pessoa amada; assim, por exemplo, Dora imitava a tosse do pai” (FREUD, 1921/1996, p. 116, grifo nosso).

Nesta passagem, a identificação é articulada à formação do sintoma histérico, exposta como um processo que permite ao eu imitar um traço da outra pessoa, criando, assim, um sintoma neurótico através da identificação parcial.

As considerações acerca da identificação secundária nos levam a compreender que esta realiza um tipo de identificação regressiva de cunho histérico. Regressiva, pois é uma forma de reapresentação (DAVID-MÉNARD, 2000) dos desejos que tiveram que ser renunciados, ou seja, no caso Dora, abdicar de ter o pai como objeto de amor fez este investimento regredir a uma identificação com ele. A identificação de Dora com o pai, através da tosse, mostra que, em virtude de seu amor, o eu assumiu uma característica do objeto. Já a nuance histérica refere-se à identificação com o sintoma histérico do objeto, portando tanto sentimentos de amor quanto de ódio, visto que os dois são manifestações do investimento libidinal. Dora usa também, como traço identificatório, o sintoma da mãe, e isso mostra o desejo da jovem de estar no lugar da mãe junto ao pai. De acordo com Freud:

“Já aprendemos que a identificação constitui a forma mais primitiva e original de laço emocional; freqüentemente acontece que, sob as condições em que os sintomas são constituídos, ou seja, onde há repressão e os mecanismos do inconsciente são dominantes, a escolha de objeto retroaja para a identificação: o ego assume as características do objeto. É de notar que, nessa identificação, o ego às vezes copia a pessoa que não é amada e, outras, a que é. Deve também causar-nos estranheza que em ambos os casos a identificação seja parcial e extremamente limitada, tomando emprestado um traço isolado da pessoa que é objeto dela” (1921/1996, p. 135).

A menção que Freud faz à identificação por traço nos leva a inferir que esta identificação é proveniente do complexo de Édipo, em que há a modificação de uma parte do eu segundo um traço isolado, que servirá de suporte para a relação com o objeto.

Dando seguimento aos diferentes modos do processo de identificação, Freud expõe ainda um terceiro tipo, a identificação parcial. Na identificação parcial, Freud

deixa completamente fora de consideração o investimento de objeto, mas o que se apresenta é a imitação patente a uma outra pessoa. Este tipo de identificação mostra-se bastante obscuro, pois Freud considera-o envolvido na produção do sintoma histérico, entretanto, diverso da identificação histérica. Ele utiliza um exemplo peculiar para explicar este terceiro tipo de identificação. Acompanharemos Freud:

“Suponha-se, por exemplo, que uma das moças de um internato receba de alguém de quem está secretamente enamorada uma carta que lhe desperta ciúmes e que a ela reaja por uma crise de histeria. Então, algumas de suas amigas que são conhecedoras do assunto pegarão a crise, por assim dizer, através de uma infecção mental” (FREUD, 1921/1996, p. 117, grifo nosso).

Na tentativa de explicar este fenômeno, o texto vai ficando cada vez mais enigmático, entretanto, abre caminho para uma compreensão da identificação como um sinal da ligação entre dois eus. Este terceiro tipo é perceptível através da mímica inconfundível que mostra uma qualidade comum entre os eus.

Freud enfatiza a ausência de investimentos precedentes à identificação parcial para elucidar a formação dos grupos. Com isso, mais uma vez, encontramos, no texto freudiano, indícios de uma identificação que engendra relações sem que tenha havido qualquer investimento libidinal anterior. Nesse sentido, o terceiro modo de identificação pode ser remetido à identificação primária. Freud sintetiza, assim, suas três concepções acerca da identificação:

“O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir como qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço social” (FREUD, 1921/1996, p. 136).

O terceiro modo de identificação é considerado o responsável pela formação do grupo. A formação do grupo está baseada numa importante qualidade comum entre os seus membros e esse elemento em comum é o laço com o líder. O líder ocupa o lugar de ideal do eu, com o qual todos os membros se identificam. Freud já havia formulado, no início do capítulo, que a identificação se constituía no mais remoto laço emocional com outra pessoa e este terceiro tipo de identificação ressalta tal enunciado.

De acordo com Freud (1921/1996), para que um grupo seja formado é necessário que todos os integrantes amem o líder, ou seja, identifiquem-se com ele, colocando-o no lugar de ideal. Com isso, ocorre a identificação de todos os membros do grupo entre si, através da ligação com o líder. Eles se reconhecem como semelhantes através do amor que o líder dedica a todos igualmente. A questão da formação do grupo, nesse texto de 1921, leva Freud a uma tentativa de sistematização do tema identificação. Nesse intento, ele faz a apresentação dos três modos de identificação que, apesar de declaradamente distintos, não recebem delimitação conceitual clara.

Na tentativa de lançarmos luz sobre os modos de identificação expostos por Freud, nos apropriaremos das contribuições de Florence (1984). Florence (1984) sustenta que a identificação secundária e a identificação parcial – terceiro modo descrito por Freud - são duas categorias de identificação histórica, que se diferenciam por uma evidenciar a regressão a uma ligação com o objeto vivida anteriormente, enquanto a outra não remete à regressão. A identificação secundária ocorreria demarcada pela precedência do investimento nos objetos, apresentando, então, o componente regressivo. Já a identificação parcial não apresenta nenhum investimento amoroso anterior e a percepção de algo comum produz uma identificação, criando a possibilidade do surgimento de um novo laço social, sem recorrer ao mecanismo regressivo. Com isso, podemos organizar do seguinte modo as identificações apresentadas:

- Identificação primária: é a expressão do primeiro laço emocional e, portanto, não regressiva;
- Identificação secundária: baseada na assimilação de traços; regressiva e envolvida com a formação dos sintomas históricos;
- Identificação parcial: formadora de novos laços afetivos e não regressiva.

Conforme pudemos acompanhar ao longo de nosso estudo, a problemática que gira em torno dessas articulações não é solucionada por Freud. Cada vez que há a

tentativa de sistematização do tema, surgem novos elementos complicadores que abrem caminho para vários modos de abordar o assunto. Entretanto, fica claro que a identificação não se restringe a um processo complementar à escolha objetal, nem mesmo como um mecanismo que só agiria regressivamente, visto que a identificação primária engendra o mais antigo laço emocional com outra pessoa.

Sendo assim, podemos depreender que o processo de identificação é capaz de produzir laços emocionais constituídos por impressões comuns entre as pessoas, processo que envolve um aparato psíquico capaz de criar novas ligações em níveis intersíquico e intrapsíquico. Levando em conta estas considerações, faz-se necessário expormos alguns pontos importantes entre a identificação e a escolha de objeto.

1.2 - Identificação e escolha objetal

Laplanche e Pontalis (1999) consideram que a identificação primária serve para descrever uma forma de laço afetivo com o objeto numa acepção imaginária, mas estritamente objetal. Também é possível reportarmos a Lacan, em o “Estágio do Espelho” (1936/1988), para expormos um ponto de vista no qual a concepção de identificação primária serve para compreender a formação do eu a partir da dialética eu/objeto. Segundo essa linha de pensamento, a identidade especular está presente no texto freudiano, sobretudo, na passagem em que o eu é considerado, primeiramente e acima de tudo, um eu corporal (FREUD, 1923/1996). Não nos estenderemos na análise de Lacan, entretanto, somos cientes de que suas concepções orientam um modo bastante corrente de abordagem da dualidade identificação/escolha objetal. Contudo, consideramos que os modos de identificação formulados por Freud em 1921 acentuam a relação da identificação com os signos de percepção (FREUD, 1896/1996), durante o processo de constituição do psiquismo.

Freud tenta esclarecer, em diversos momentos, a relação entre a identificação e a escolha de objeto e, com isso, deixa transparecer, em algumas passagens de sua obra, como essa relação é muito mais complexa do que determinada por uma série contínua, em que a identificação sucederia a escolha de objeto (FREUD, 1921/1996, 1923/1996, 1933/1996). O que é notável na relação entre identificação e a escolha de objeto é sua vinculação entre as dimensões primária e secundária do processo de identificação.

Podemos entrever que, através da dialética envolvida entre o “ser” e o “ter”, Freud aponta para a passagem constantemente aberta de uma dimensão à outra, o que indica uma dinâmica complexa entre o eu e o objeto.

Com isso, a distinção entre eu e objeto muda de caráter, dado que no processo de identificação o objeto pode produzir modificações no eu sem desaparecer, ou seja, permanece conservado enquanto identificação. Nesta perspectiva, a identificação pode ser remetida ao processo de introjeção (REIS, 2004), em que o objeto é capturado pelo eu, produzindo modificações nesta instância psíquica.

Também é possível compreender a relação entre identificação primária e escolha de objeto referida ao narcisismo. Se entendermos o narcisismo primário como investimento libidinal direcionado ao eu, derivado de uma relação imediata com o outro, já pressupomos, aí também, uma identificação “direta e imediata” (FREUD, 1923/1996, p. 44).

Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (FREUD, 1914/1996), como pudemos acompanhar no capítulo anterior, há a exposição de duas formas de escolha de objeto: a escolha narcísica, que se opõe à anaclítica. Esta é caracterizada por ser o amor, a sexualidade, o que marca a relação com o outro, tendo em conta a complementaridade. Já a escolha narcísica remete-se menos ao complementar do que ao semelhante a si mesmo. O que vem esclarecer as articulações possíveis da identificação e desses modos de escolha de objeto é a sua referência ao complexo de Édipo.

No caso do “Homem dos lobos” (1918/1996), Freud apresenta o Édipo na forma completa, com sentimentos ambivalentes frente aos dois progenitores, mas será o conceito de identificação que enriquecerá a análise do complexo de Édipo, responsável que é também pela própria noção desta forma completa do complexo infantil. De acordo com Mezan (1998), é a identificação que provoca o deslocamento do complexo, da puberdade para a infância, aspecto absolutamente primordial na identificação histórica. Entretanto, somente em “Psicologia de grupo e análise do ego” (FREUD, 1921/1996) será possível encontrar uma melhor articulação entre a identificação e o complexo de Édipo, bem como indícios mais precisos da identificação anterior a este complexo. O redimensionamento do conceito de eu, a formação do supereu e a introdução do isso são pontos essenciais desse momento da produção freudiana sobre a identificação. Portanto, passaremos à análise dessas mudanças.

1.3 - Identificação, eu e supereu

Em 1923, Freud anuncia uma nova cartografia do aparato psíquico e, com isso, estabelece a segunda tópica. As explicações realizadas em “O eu e o isso” (1923/1996) apresentam o eu, supereu, e o isso como instâncias psíquicas marcadas por conteúdos inconscientes. O artigo também se constitui numa tentativa de articulação entre a segunda teoria pulsional (FREUD, 1920/1996) e a segunda tópica (FREUD, 1923/1996). Nesse texto, o tema da identificação surge como um processo intimamente envolvido na constituição do eu e do supereu, que ocorre, primeiramente, de modo direto e imediato e que se inicia mais primitivamente do que qualquer escolha de objeto (FREUD, 1921/1996, 1923/1996). Neste momento, Freud declara que o eu é formado por um precipitado de identificações abandonadas.

Nessa nova formulação, o eu se origina do isso, constituindo-se no seu envoltório e também formando o ponto de convergência de duas pressões opostas: o isso e a realidade externa. O seu caráter tangencial resulta do fato de que, se por um lado o eu combate os impulsos do isso, por outro é parte dele e, assim, tem a sua energia proveniente do reservatório pulsional. Deste modo, o eu possui laços profundos com o isso através do substrato pulsional.

Em “O eu e o isso” (1923/1996), a questão da origem do eu é exposta juntamente com a formação de uma diferenciação que cria uma nova instância, o supereu. Esse novo componente do psiquismo tem a função de ideal do eu, bem como de ser um agente severo e repressor do eu. Para dar conta das transformações pelas quais o eu passa, Freud recorre mais uma vez à psicopatologia, expediente comum em sua obra, e retoma o exemplo da melancolia para exemplificar a atuação da identificação no processo constitucional do eu.

“Alcançamos sucesso em exemplificar o penoso distúrbio da melancolia, supondo que um objeto que fora perdido fora instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação” (FREUD, 1923/1996, p. 42).

Em “O eu e o isso” (1923/1996), Freud assevera que o mecanismo de transformação do eu que promove uma diferenciação neste não é exclusivo do processo

patológico da melancolia, mas faz parte da própria constituição do eu e do psiquismo em geral. Entretanto, a partir da distinção realizada por Abraham e Torok (1978/1995) e exposta no capítulo anterior, entre o processo de introjeção e o mecanismo da incorporação, podemos depreender que a identificação narcísica responsável pela formação da melancolia é baseada no mecanismo patológico da incorporação, enquanto a identificação envolvida com a estruturação do psiquismo tem como fundamento o processo de introjeção (FERENCZI, 1909/1991).

Qualquer alteração no eu proveniente da identificação estabelece uma forma de relação com o isso, pois é deste modo que o eu consegue exercer controle sobre esta instância. Em contrapartida, o isso tenta subjugar o eu e as suas demandas. Às expensas dessa relação, o eu se oferece ao isso conforme descreve Freud (1923/1996, p. 43): “Quando o ego assume as características do objeto, ele se oferece ao id como um objeto de amor, tentando compensar a perda do id, dizendo: ‘Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto’”. Com isso, a identificação aparece como o modo pelo qual a economia psíquica conserva ou reforça o objeto para o isso.

Sendo assim, o eu é responsável por transformar a libido do objeto em libido narcísica, uma operação que empreende uma regressão narcísica do tipo oral. Quando o isso é impedido de persistir em determinado investimento, o eu identifica-se com o objeto e toma para si alguns de seus traços. Segundo Freud, isso implica:

“(…) um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização – uma espécie de sublimação, portanto. Em verdade surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetal sexual em narcísica (...)” (1923/1996, p.43).

Apesar de, neste momento do texto de 1923, Freud considerar que o processo de identificação promove a transformação da libido objetal em libido narcísica e que tal mudança compreende uma dessexualização, adiante, no mesmo artigo, ele sustenta que a identificação é um modo de reforçar a ligação com o objeto na relação amorosa. Isto ocorre, muitas vezes, quando o objeto é mantido externamente, ao mesmo tempo em que são tomados traços dele através da identificação. Neste caso, ocorrem, simultaneamente, o investimento no objeto e a identificação, conjuntura perceptível nos

casais de apaixonados, quando um adquire traços do outro, como modo de falar, de se expressar e de agir. Com isso, Freud atenta para a alteração no eu, no caráter do eu, no sentido de conservar o objeto, levando-nos a pensar que essa atitude tem também o objetivo de reforçar a relação com o objeto. O mesmo teria uma existência psíquica decorrente da identificação que aparece como um modo de assegurar que o objeto amado permanecerá como destino de investimento para o eu, no caso de um possível desenlace amoroso. Sendo assim, Freud apresenta a controvérsia de a identificação implicar uma dessexualização, uma sublimação, revertendo libido objetal em libido narcísica, e um estreitamento do vínculo com o objeto. Florence (1984) apresenta argumentos que esclarecem essa aparente contradição. Para este autor, a sublimação aparece aqui como um recalque que obteve sucesso, evitando assim o retorno do recalado, já que o recalamento seria um desligamento da libido de objetos que haviam sido amados antes. Como sabemos, o ser humano nunca renuncia prontamente a um objeto, ele sempre encontra um substituto: para um objeto que fora obrigado a renunciar – por exemplo, o fim de uma relação amorosa – nada melhor e mais seguro do que destinar libido ao próprio eu.

No artigo sobre o narcisismo, Freud (1914/1996) considerava que o eu era o reservatório da libido, contudo, com as novas formulações da segunda tópica, o isso passa a ser a instância que abriga o “reservatório de libido” (FREUD, 1923/1996, p. 43), também denominado por caos pulsional (1933/1996). Sendo assim, o narcisismo primário pode ser encarado como um estado libidinal anterior à separação entre eu e isso, um estado de amor próprio absoluto, onipotente. O ideal narcísico da criança seria, então, fundamentado no ideal de onipotência que os pais depositaram nela. Conforme pudemos acompanhar no capítulo anterior, as perfeições que os pais destinam à criança são frutos da revivescência de seu próprio narcisismo infantil, com o qual a criança se identificará e, posteriormente, criará a instância ideal. Lugar de todas as perfeições que o eu deverá esforçar-se por atingir.

Depreende-se, então, que é através do processo identificatório estruturante que ocorre o movimento de diferenciação do isso em uma outra instância, que constitui seu envoltório e que negocia as suas exigências de satisfação. A nova instância é o eu que permanece em constante ligação com o isso. Não obstante, a operação de diferenciação estabelece no eu uma gradação, a função de ideal (FREUD, 1914/ 1996), que na

segunda tópica (FREUD, 1923/1996) converte-se em uma função da nova instância derivada do eu e denominada de supereu.

As identificações que ocorrem durante a constituição do psiquismo são responsáveis pela formação do eu e do supereu. De acordo com a passagem abaixo:

“Entretanto, seja o que for que a capacidade posterior do caráter para resistir às influências das catexias objetais abandonadas possa tornar-se, os efeitos das primitivas identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros. Isso nos conduz de volta à origem do ideal do ego; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de uma catexia do objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto. Mas as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária” (FREUD, 1923/1996, p. 44, grifo nosso).

A nosso ver, Freud, nessa passagem, levanta quatro pontos problemáticos que merecem ser examinados atentamente. O primeiro diz respeito à utilização do termo “caráter” relacionado ao ideal do eu. Sabemos que Freud não faz uma distinção clara entre ideal do eu e supereu, mas, com a formulação da segunda tópica, o ideal do eu aparece como uma das funções do supereu, na qual esta instância regula e verifica a atuação do eu. Tendo isso em conta, podemos depreender que o “caráter” mencionado neste trecho refere-se à característica do supereu de portar o conjunto de traços particulares do eu, as especificidades que distinguem a subjetividade.

O segundo ponto a ser ressaltado nesta citação leva-nos a inferir que, no psiquismo nascente, ao mesmo tempo em que há a formação do eu, a sua gradação diferenciada também vai sendo engendrada. Por isso, é possível dizer que as identificações empreendidas na mais remota ligação com o objeto demarcam um supereu que, apesar de permanecer em constante agenciamento com o mundo externo ao aparato, não se modifica facilmente, portanto, essas identificações são gerais e duradouras.

O terceiro aspecto que se coloca é quanto à identificação do indivíduo com o pai. Freud acrescenta uma nota de rodapé ao trecho citado, esclarecendo que:

“Talvez fosse mais seguro dizer ‘com os pais’, pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre pai e mãe. Recentemente deparei-me com o caso de uma jovem casada cuja história demonstrava que, após notar a falta de um pênis nela própria, imaginara que ele estivesse ausente, não em todas as mulheres, mas apenas naquelas a quem encarava como inferiores, e supusera que sua mãe possuía pênis” (1923/1996, p. 44).

Apesar de Freud fazer esta retificação, ele passa a analisar somente a identificação do menino com o pai, desprezando a identificação com a mãe. Além disso, Freud remete a possibilidade de uma identificação primária com a mãe ao operador fálico. Mas, como esta articulação seria possível, se ele mesmo assegura que uma criança não faz distinção entre os sexos antes de esta ter chegado a um “conhecimento definitivo”, ou seja, antes da vivência do complexo edípico? A fim de lançarmos luz sobre esta questão, passaremos à exposição da hipótese de Ribeiro (2000) sobre a existência da universalidade de uma “identificação feminina primária recalçada” (RIBEIRO, 2000, p. 53). Esse autor argumenta que, a despeito de Freud não se dedicar atentamente à identificação da criança, seja menino ou menina, com a mãe, é possível encontrar indícios da existência da “identificação feminina primária recalçada” (RIBEIRO, 2000, p. 53) na raiz do processo identificatório.

Ribeiro (2000) propõe a identificação feminina primária como fundadora do eu; entretanto, esta é recalçada em dois tempos. O primeiro tempo do recalçamento da feminilidade primária corresponde ao processo pelo qual a criança é moldada de acordo com a feminilidade consciente e inconsciente da mãe, sem que essa feminilidade, para a criança, se oponha à diferença anatômica dos sexos ou com ela se relacione. Neste primeiro tempo, ser e ter o objeto coalescem numa experiência única, na qual passivo e ativo, masoquismo e sadismo não são pares de opostos, mas vivências homogêneas de um gozo sem obstáculos. O segundo tempo ocorre com a descoberta da diferença anatômica entre os sexos, sua incidência sobre a diferença dos gêneros e o imperativo de posicionar-se perante essas diferenças. Esse seria o momento em que a feminilidade

primária passaria a ter os contornos da sexualidade propriamente dita e seria comparada, avaliada e medida a partir do padrão fálico. Em meio a esse confronto com o falo, o que é atraído pelo recalçado originário e expulso pelo eu é a identificação feminina primária que é não castrada e cujo gozo sem medida passa, *a posteriori*, a ser passivo e masoquista, instalando as oposições ativo/passivo, masoquismo/sadismo. Esta, então, seria a feminilidade primária recalçada tanto nos meninos quanto nas meninas. Desse momento em diante, a feminilidade passaria a existir num e noutra sexo de modo secundário, irremediavelmente marcada pelo operador fálico, tanto quanto a masculinidade, permanentemente em prontidão contra seu protótipo recalçado.

Como podemos observar no trecho citado anteriormente e na sua respectiva nota de rodapé, Freud faz ressurgir o problema da identificação primária. Ele já havia apresentado a identificação primária em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/1996) como a “mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1921/1996, p 133). Por ser uma ligação primitiva com o outro, este modo de identificação não está remetido ao mecanismo regressivo tal como a identificação secundária está, mas ocorre independente da escolha de objeto e anterior à vivência do complexo de Édipo. Freud reafirma estas características da identificação primária em 1923 e avança ao enunciar que “trata-se de uma identificação direta e imediata” (1923/1996, p. 44, grifo nosso).

Encarar a identificação como um processo que se dá de modo direto e imediato nos conduz ao quarto ponto problemático que consideramos necessário destacar, pois abre uma perspectiva de compreensão para a identificação que Freud não havia aduzido até então. Com a formulação do supereu, em 1923, a identificação primária, mais uma vez, é relacionada à formação de laços como algo da ordem do “contágio”, da “infecção mental”, da “imitação” (1920/1996, p.117), que ocorre instantaneamente, de maneira “direta e imediata” (1923/1996, p. 44).

Freud apresenta a função do ideal do eu como a origem do supereu, em que o ideal do eu provém de uma identificação primária, ou seja, uma identificação direta e imediata com os pais. O supereu surge do reforço dessas identificações primeiras pelas identificações secundárias vividas em decorrência do complexo edípico. Com isso, há a formulação do supereu como uma instância diferenciada do eu, composto pelas identificações ocorridas durante o processo de formação do aparato psíquico. O

desfecho da identificação secundária com os pais é responsável, no supereu, pela função de ideal do eu, no qual o eu deve se regular orientado pelos ditames do ideal herdado dos pais. Sendo assim, o supereu não é somente o resíduo dos primeiros investimentos objetais do isso, mas funciona também como uma vigorosa formação reativa contra esses investimentos.

Frente a determinados investimentos do isso, o supereu se apresenta, não mais apontando um modelo ideal a ser seguido, mas proibindo severamente. Decerto, vemos atuar aí o modelo de proibição que surge da necessidade do ego de recalcar os impulsos originários do complexo de Édipo. Isto aponta para a função de recalque que a identificação comporta – função de acalmar as imposições do isso – solução utilizada pelo eu para conservar um objeto, a despeito de seu desaparecimento ou interdição. O eu infantil não tem forças suficientes para conter os desejos edípicos, assim, o eu busca forças na figura de autoridade do pai para conter a realização desses desejos. Freud atenta para o fato de que tanto o processo educacional quanto a doutrina religiosa funcionam como intensificadores da autoridade, servindo para acentuar o recalque, com isso há o aumento do rigor do supereu sobre o eu, através do caráter severo da consciência e do “sentimento inconsciente de culpa” (FREUD, 1923/1996, p. 40). Sob a vertente edípica do supereu, é importante ressaltar que o rigor desta instância não está diretamente relacionado à austeridade da figura paterna, mas ao poder das pulsões que compõem o complexo de Édipo. Todavia, Freud acrescenta que a figura do pai é um elemento capaz de incrementar o rigor do supereu.

O eu infantil está em formação ao mesmo tempo em que o supereu, pois não podemos perder de vista que Freud apresenta a formação do supereu baseada na identificação primária, que opera de modo direto e imediato. A um só tempo o eu e sua diferenciação se formam. Isso nos leva a pensar que, ainda com o eu fraco, já existe o protótipo do supereu regulador e austero atuando sobre o eu nascente.

A partir do argumento de o supereu estar calcado na identificação primária, surge uma discussão mais ampla a respeito desta instância, que passa a ser encarada não só como um mero regulador do eu, mas funcionando também como uma vigorosa formação contra este. Freud assegura que:

“O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: ‘Você *deveria ser* assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.’ Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo. (...) Dentro em pouco apresentarei uma sugestão sobre a fonte de seu poder de dominar dessa maneira — isto é, a fonte de seu caráter compulsivo, que se manifesta sob a forma de um imperativo categórico” (1923/1996, p. 47).

Essa colocação nos autoriza supor que, no supereu, há diferenciações derivadas do processo de identificação. A identificação está envolvida na produção de estratos conflitantes no supereu, um estrato que opera como ideal do eu e do outro que é a expressão do supereu severo e cruel, que traz consigo o imperativo categórico. A função do ideal está mais próxima das injunções derivadas da faceta edipianizada, ou seja, possui um caráter mais ordenador. Já a expressão cruel do supereu aponta para uma vertente genuinamente pulsional e não dominada pelo material recalcado. Esses dois estratos não podem ser desvinculados, mas devem ser considerados como sistemas conflitantes que desvelam algo paradoxal no supereu que, ao mesmo tempo, possui um ideal organizador e uma vertente cruel atuando sobre o eu.

O surgimento do supereu denuncia os conflitos permanentes entre o eu e caldeirão pulsional que é o isso. Este conflito é extensivo também ao supereu, pois, temos a formação do ideal regulador do eu derivado do complexo de Édipo, bem como a formação do supereu cruel e ditador.

Gondar (2001), analisando os fenômenos compulsivos dos pacientes contemporâneos, nos indica que a vertente cruel do supereu é fruto da articulação entre esta instância e a pulsão de morte, que acaba engendrando um gozo destrutivo e imperioso por satisfazer-se. De acordo com Gondar:

“(...) a aliança entre o supereu e a pulsão de morte redundando numa forma cruel de injunção superegóica: ao invés de funcionar como barreira a um gozo mortífero, o supereu exigiria, desprezando por completo a esfera das inclinações subjetivas singulares. Tal qual o imperativo categórico formulado por Kant, o mandamento do supereu ordenaria que o sujeito abdicasse de sua dimensão desejante, agindo exclusivamente por dever. O que

implica, em termos psicanalíticos, que o sujeito se coloca como objeto de gozo a serviço de uma lei cruel” (2001, p. 29).

A partir da contribuição de Gondar (2001), podemos depreender que esta lei cruel parece não ser a mesma que foi apresentada em “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996), com a proibição do incesto e a devoção ao pai. A lei de “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1996) é uma lei ordenadora, fundadora da vida em sociedade e do pai como figura ideal. Já a lei do supereu cruel é avassaladora e evidencia toda a potência da pulsão de morte, com seu conteúdo desorganizador e transformador.

Um dos intentos de Freud no artigo “O eu e o isso” (1923/1996) é promover a união das novidades trazidas pela segunda tópica com as concepções acerca das pulsões de vida e de morte. Nesse panorama, a identificação aparece como um processo múltiplo e contínuo envolvido na criação e no desenvolvimento do eu e do supereu. No curso de formação do eu, a identificação empreende um jogo complexo na tentativa de conciliar as pressões do isso, do supereu e do mundo externo sobre o eu. Todavia, muitas vezes, a identificação sucumbe à severidade do supereu expresso como um imperativo de gozo, o que reforça a subjugação do eu frente ao supereu feroz e representante da pulsão de morte. Isso evidencia o jogo entre pulsões de vida e pulsões de morte. Freud enuncia a pulsão de vida ou Eros como: “(...) não apenas o instinto sexual desinibido propriamente dito e os impulsos instintuais de natureza inibida quanto ao objetivo ou sublimada que dele derivam, mas também o instinto autopreservativo, que deve ser atribuído ao ego” (1923/1996, p. 55). Enquanto as pulsões de morte, ou Tanatos, difíceis de precisar, são definidas como: “(...) viemos reconhecer o sadismo como seu representante (...) apresentamos a hipótese de um instinto de morte, cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado” (FREUD, 1923/1996, p. 55).

O processo pulsional estabelece um jogo em que as duas classes de pulsões se fundem continuamente, ligando-se constantemente uma com a outra. Todavia, a fusão das pulsões permite a sua contrapartida, a desfusão pulsional, da qual o sadismo é o seu melhor representante. Assim, ligação e desligamento entre as pulsões de vida e de morte, bem como construção e desconstrução, constituiriam a subjetividade. Eros e Tanatos se aliam e se distanciam num constante movimento. Freud assinala que o

componente sádico da pulsão sexual seria um bom exemplo da utilidade da fusão pulsional. O sadismo, quando manifestado de forma independente, leva à perversão, denunciando assim uma desfusão pulsional. Freud salienta, ainda, que não é fácil de distinguir a pulsão de vida da pulsão de morte.

Retomando o que havia sido apresentado em “O instinto e suas vicissitudes” (1915a/1996), Freud traz a polaridade amor e ódio para explicar a relação entre Eros e Tanatos. Na vida cotidiana, bem como na prática analítica, é possível constatar que o amor sempre está acompanhado pelo ódio, devido à ambivalência de sentimentos que caracteriza a vida psíquica. Dependendo da conjuntura, o ódio pode transformar-se em amor e vice-versa. Isso faz surgir o problema da identificação como o processo que transforma o eu com vistas a poder organizar as questões oriundas da ambivalência intrínseca à relação com o objeto. O eu trabalha no sentido de impedir que a pulsão de morte produza rupturas e estagnação. Neste intento, o eu apodera-se da libido dirigida aos objetos através do processo identificatório, apresentando-se ao objeto como objeto de amor. Ao fazer isto, o eu coloca-se em oposição aos interesses da pulsão erótica, cuja finalidade é a ligação e a união. Freud (1923/1996) nos diz que o eu apodera-se dos investimentos emanados do id e impõe-se a este para ser amado no lugar do objeto, identificando-se com o objeto. Desse modo, o eu acaba auxiliando o id, este regido pelo princípio do prazer, a dominar as tensões produzidas pela “libido – a força que introduz distúrbios no processo de vida” (FREUD, 1923/1996, p. 59).

Freud fornece a seguinte síntese da participação da identificação no processo de constituição do eu e do supereu:

“Assim, temos afirmado repetidamente que o ego é formado, em grande parte, a partir de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo id; que a primeira dessas identificações sempre se comporta como uma instância especial no ego e dele se mantém à parte sob a forma de um superego: enquanto que, posteriormente, à medida que fica mais forte, o ego pode tornar-se mais resistente às influências de tais identificações. O supereu deve sua posição especial no ego, ou em relação ao ego, a um fator que deve ser considerado sob dois aspectos: por um lado, ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o ego ainda era fraco; por outro, é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no ego” (1923/1996, p. 61).

No decorrer da vida psíquica, o supereu se mantém aberto às influências de mundo externo, não obstante, conservando para sempre o caráter originado pelo complexo edípico, ou seja, a capacidade de manter-se à parte do ego e dominá-lo. Freud assinala que esse aspecto constitui uma lembrança da antiga fraqueza e dependência do eu, no momento de formação do eu e do supereu. Mas, posteriormente, o eu já maduro permanece sujeito à dominação do supereu. O supereu derivado dos primeiros investimentos do ego e da vivência do complexo de Édipo apresenta-se como uma “reencarnação de antigas estruturas do ego que deixaram os seus precipitados atrás de si no id” (FREUD, 1923/1996, p. 61). Desse modo, o supereu encontra-se perto do ego e pode funcionar como seu representante frente ao eu, denunciando um total afastamento da consciência.

Através da prática clínica, Freud observa o que chamou de “reação terapêutica negativa” (1923/1996, p. 62), em que a questão do sentimento de culpa inconsciente aparece como uma tensão entre o eu e o supereu, mas é o eu o depositário dessa culpa inconsciente. Freud detecta, em alguns de seus pacientes, uma exacerbação dos sintomas neuróticos, após lhes comunicar que o tratamento obteve avanço. Os pacientes apresentavam sinais de descontentamento e resistência ao bom andamento da análise; esta força contrária ao restabelecimento mantém o paciente firmemente aderido ao seu sintoma, denunciando a existência de um perigo desconhecido. Nota-se, então, a existência de um sentimento de culpa que, através da manutenção do sintoma que encerra sofrimento e dor, traz alguma satisfação. O sentimento de culpa inconsciente se origina das pulsões geradoras do complexo de Édipo, sendo o seu recalçamento o responsável pelo aspecto inconsciente da culpa. Como o supereu é formado a partir da intensificação da identificação primária, direta e imediata, durante a vivência do complexo de Édipo (FREUD, 1923/1996, p. 44), é possível aduzir que a manifestação inconsciente de culpa atesta a autonomia do supereu frente ao eu e a estreita relação com o ego, de onde ele obtém forças para alimentar seu tom imperioso.

Analisando a relação entre identificação, eu e supereu, pudemos constatar a situação de ambigüidade dos três conceitos. Ao mesmo tempo em que o eu tenta obter controle sobre o ego, utilizando-se do processo de identificação, também se sujeita em grande parte às exigências do ego. Quanto ao supereu, este é uma instância diferenciada

do eu, decorrente das identificações diretas e imediatas atualizadas no complexo de Édipo, que possui dois aspectos aparentemente contraditórios no seu interior: por um lado, se apresenta como ideal do eu e, por outro, é a instância que se posiciona de modo cruel e severo diante do eu.

O texto freudiano revela uma dimensão da identificação como um processo sutil de ligação com o outro, envolvido não somente com os desejos recalcados, com as determinações edípicas, mas também com algo que se dá na ordem do direto e do imediato, no momento de constituição do psiquismo.

Com a finalidade de lançarmos luz sobre esse tipo de identificação, no próximo capítulo, analisaremos a “Carta 52” (FREUD, 1896/1996) que apresenta uma concepção do psiquismo como um aparato de memória que é formado primariamente por signos e impressões. Na “Carta 52” (FREUD, 1896/1996) dedicada a seu amigo Fliess, Freud considera que as experiências vividas na mais tenra infância possuem uma primeira inscrição no psiquismo como signos de percepção. Estes servirão como material para a posterior sistematização do aparato em Pcs/Cs e Ics, decorrentes das transcrições e retranscrições dos signos de percepção. Também em seu “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895/1996), a experiência de satisfação descrita vem destacar a importância da relação com uma outra pessoa capaz de promover o apaziguamento da excitação endógena e, assim, favorecer as ligações que engendram o eu nascente.

Capítulo III

Conjunção final: Identificação primária

A partir do exame dos três tipos de identificação sistematizados por Freud em 1921 e mencionados novamente em 1923, retomamos a pergunta que decorreu do percurso efetuado: qual instrumento teórico nos permite pensar a identificação primária, que se dá de modo direto e imediato, anterior à vivência do complexo de Édipo? Para tanto, nos reportaremos a alguns escritos iniciais da obra freudiana, em que é possível encontrar formulações a respeito do aparato psíquico. Com isso, acreditamos encontrar subsídios para uma maior compreensão acerca desse modo de identificação.

1.1 – A experiência de satisfação

A existência de um tipo de identificação primária, que ocorre de forma direta e imediata, assegurada como o mais antigo laço emocional com o outro, conduz-nos à problemática da constituição de um espaço psíquico singular e em contínua relação com o mundo circundante. Com o objetivo de encontrar sustentação teórica para este modo de identificação, nós nos voltaremos para a análise da experiência de satisfação descrita no artigo “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895/1996).

No texto considerado pré-psicanalítico “Projeto para uma psicologia científica” (1895/1996), Freud utiliza-se da linguagem neuronal para descrever, de maneira fantástica, o surgimento do aparato psíquico. O texto foi escrito a Fliess, entretanto, Freud o rechaçou, não permitindo que fosse publicado. Dessa forma, o artigo só veio a ser divulgado dez anos após a morte de Freud, em 1950, momento em que os estudiosos puderam verificar que nele já estavam presentes idéias embrionárias que foram sendo desenvolvidas e aprimoradas no decurso da produção freudiana. Dentre elas, por exemplo, a noção de ligação (*Bindung*) que passou a desempenhar um papel importante no texto escrito vinte e seis anos depois, “Psicologia de grupo e análise do ego” (FREUD, 1921/1996). Tal como ressaltamos no capítulo anterior a *Bindung* como

ligação primordial para o laço social. Nessa ocasião, de acordo com o que acompanhamos, a identificação passa a ser compreendida como o processo inconsciente que responde pela mais antiga ligação com outra pessoa.

No “Projeto” (FREUD, 1895/1996), podemos constatar que a experiência de satisfação é o protótipo das relações que se desencadearão posteriormente. Para analisarmos esta experiência, faremos uma breve descrição das características do aparelho neuronal de 1895.

Freud imagina um aparato composto por partículas materiais, os neurônios, os quais estão organizados em três sistemas, *phi*, *psi* e *ômega*. Os sistemas de neurônios diferem entre si devido à capacidade de cada um de ser mais ou menos permeável à excitação e essa capacidade, por sua vez, caracteriza as funções de percepção e de memória do aparelho. O aparelho neuronal de Freud recebe excitações de duas fontes: uma proveniente do interior do corpo, endógena¹⁰, e outra proveniente do mundo externo, exógena. Estas excitações geram a quantidade, *Q*, ou seja, a energia que circula pelos sistemas de neurônios e que é capaz de se deslocar e de descarregar. A função primária do aparato é a descarga de energia que responde pela cessação do estímulo: se for um estímulo exógeno, a fuga ocorrerá segundo o modelo do arco reflexo. Se for um estímulo endógeno – como a fome, a sexualidade e a respiração – a simples fuga é impossível, com isso, há a exigência de uma ação específica capaz de apaziguar a excitação. Para que haja a ação específica, é necessário que uma quantidade de energia não seja descarregada, fique contida: “aqui se verifica uma proporção entre a *Q* de excitação e o esforço requerido para a fuga do estímulo” (FREUD, 1895/1996, p. 348). Sendo assim, devido às necessidades vitais, é premente que o aparato neuronal contenha alguma energia para realizar uma ação específica que diminua o nível de excitação e se constitua numa experiência de satisfação.

No artigo em questão, Freud relata o caso de um bebê que tenta extinguir a excitação de fome através de respostas motoras, como choro e movimentação dos membros. No entanto, essa resposta à excitação endógena não produz alívio. Neste caso, a eliminação do desprazer só é obtida por intermédio da realização de uma ação específica, ou seja, a mãe fornecendo o seio que alimentará o bebê. Freud denomina esse momento mítico de experiência de satisfação.

¹⁰ O que neste texto é descrito como excitação endógena pode ser considerado como um esboço do conceito de pulsão, desenvolvido posteriormente por Freud (1915a/1996).

Em decorrência da diminuição da tensão, funda-se no sistema *psi* uma facilitação entre os neurônios, que equivale à lembrança do seio. Posteriormente, o reaparecimento da excitação decorrente do estado de fome provoca em *psi* o surgimento de um impulso que reinveste a lembrança do seio, em virtude do caminho facilitado no sistema neuronal. No entanto, nesse segundo momento, a satisfação não é obtida, pois a situação tem como resultado a alucinação do seio, incapaz de mitigar a excitação. Freud designa por processo primário o funcionamento de *psi* que, a partir de um excesso de estímulo vivido como desagradável, produz a alucinação do objeto desejado. Contudo, a via alucinatória provoca a frustração e, com isso, há o surgimento, no aparato psíquico, do processo secundário. Este permite que alguma energia seja armazenada, e não totalmente escoada conforme o empreendido pelo processo primário.

O processo secundário surge a partir do aparecimento de uma organização em *psi* denominada “eu”. O eu tem como função a inibição da regressão, caso o objeto necessário para o apaziguamento da excitação não esteja presente no mundo externo. No exemplo utilizado por Freud (1895/1996), a percepção do seio por parte do bebê excita os neurônios *omega*, promovendo uma descarga neste sistema neuronal que, por sua vez, funciona como signo de realidade para *psi*, ou seja, indica se o objeto seio está presente no mundo externo ou se foi alucinado. Com isso, o sistema *psi* consegue distinguir entre o objeto real e o objeto alucinado e realiza a descarga da excitação de modo seguro.

De acordo com o presente modelo, constatamos que o aparato psíquico desconhece, *a priori*, as indicações da realidade. Somente depois que *psi* possui subsídios para distinguir entre alucinação e realidade é que se torna possível o apaziguamento da excitação e, conseqüentemente, a experiência de satisfação. David-Ménard (2000) sustenta que o índice de qualidade consiste em um sentimento da presença de algo e não na presença efetiva do objeto. Sobre a remoção da alucinação para que ocorra a satisfação guiada pelo índice de qualidade, Herzog (2003) comenta:

“Para que esta função seja exercida de modo eficaz torna-se necessário que o sistema *psi* funcione de modo ativo, promovendo uma ligação e retendo, para isso, alguma quantidade de energia. Reter uma quantidade de energia significa permitir um acúmulo, operação que supõe uma ligação. Assim, liga-se um *quantum* de energia para que uma ligação em outro nível seja possível” (2003, p.44).

A partir disso, podemos indicar a identificação primária como um outro nível de ligação que sobrevém ao da experiência de satisfação. A montagem da experiência de satisfação descrita por Freud (1895/1996) cria as condições para o surgimento do mundo interno e externo ao aparato psíquico, imerso na relação com o outro. Somente um outro, uma “pessoa experiente” (FREUD, 1895/1996, p. 370) é capaz de executar a ação específica que aplaca o excesso da excitação e inaugura o momento mítico da experiência de satisfação. Freud acrescenta que a solicitação de uma ação específica por parte do bebê promove uma alteração no mundo ao redor, como, por exemplo, o chorar e o espernear do bebê exigem a presença da mãe, que lhe oferecerá o seio. É levando em consideração a experiência de satisfação – mítica, estritamente relacional e promotora de ligações intrapsíquicas – que podemos vislumbrar um outro nível de ligação. Um nível interpsíquico, onde há a ocorrência de ligações subjetivas diretas e imediatas calcadas na experiência de satisfação. A partir dessas premissas, torna-se possível lançar luz sobre o fundamento da identificação primária “como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1921/1996, p. 115).

Todavia, no mesmo texto em que Freud atesta o estatuto primário da identificação, também encontramos a descrição do segundo e do terceiro modos de identificação. A identificação secundária está relacionada aos fenômenos históricos e funciona em conformidade com o mecanismo regressivo. Neste caso, a identificação faz reaparecer o conflito instaurado com o recalque dos desejos edípicos. O terceiro modo de identificação, denominado como parcial, é responsável pela formação dos grupos e ocorre sem que tenha havido nenhum elemento de cunho sexual compartilhado anteriormente entre os sujeitos. A sistematização desses três tipos de identificação nos remete ao texto da “Carta 52” (FREUD, 1896/1996), em que Freud apresenta níveis diferenciados de ligações psíquicas no trabalho de reordenamento das intensidades, inscritas primeiramente como signos de percepção, que atingem o aparato psíquico.

1.2 – Os primeiros registros

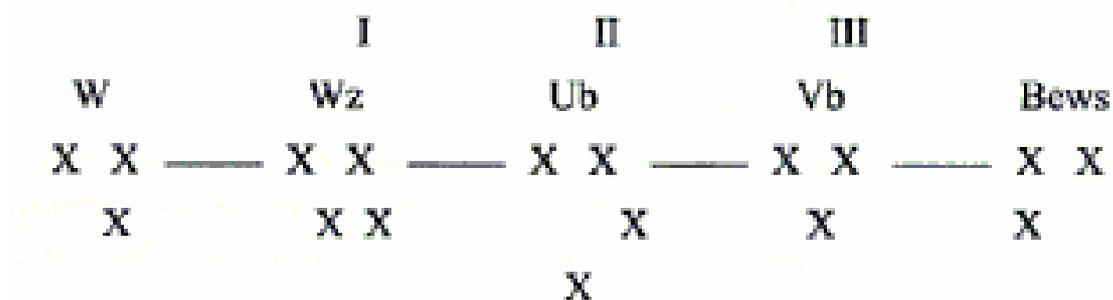
A exposição dos modos de identificação (1921/1996) nos conduz à concepção do aparato psíquico sistematizado por Freud na “Carta 52” (FREUD, 1896/1996).

Conforme salienta Garcia-Roza (2000), a “Carta 52” (FREUD, 1896/1996) pode ser considerada um texto que tem relação com as especulações teóricas do “Projeto” (FREUD, 1895/1996) e com o esquema do aparato psíquico apresentado em “A interpretação de sonhos” (1900/1996).

Na “Carta 52”, enviada a Fliess em 6 de dezembro de 1896, Freud (1896/1996) considera que o aparato psíquico é, fundamentalmente, um aparato de memória, formado por traços mnêmicos, os quais compõem estratos sucessivos, regidos por regras de ligações diferenciadas. Os traços mnêmicos experimentam retranscrições constantes na passagem de um estrato a outro. Freud relata na referida carta:

“(...) estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações” (FREUD, 1896/1996, p. 281).

Na esquematização apresentada na “Carta 52” (1896/1996), Freud interessa-se em circunscrever o psiquismo como um aparato de memória, salientando o seu expediente de armazenamento da excitação que o atinge. No entanto, encontra dificuldade em elaborar um modelo teórico do aparato que combine memória e percepção. Não existe memória sem a percepção, contudo, enquanto para a memória é absolutamente indispensável a constância dos traços – o que requer uma modificação permanente no neurônio para que este registre e preserve os traços –, já para a percepção é necessária uma entrada receptiva a novas excitações, sem que haja a perda de sua permeabilidade. Como conciliar essas duas funções do aparato psíquico? Freud responde à questão sugerindo o esquema a seguir (1896/1996, p. 282):



De acordo com a figura, a excitação acessa o aparato a partir da extremidade perceptiva (*W – Wahrnehmungen*). Esta extremidade é formada pelos neurônios que geram as percepções. Estas se ligam à consciência, mas não ficam retidas nela, já que percepção e memória são excludentes entre si. Para a existência da memória, é necessário que haja um modo de registro permanente das percepções.

Freud considera que há, pelo menos, três transcrições dos registros mnêmicos, a saber: os signos de percepção, a inconsciência e a pré-consciência. Os signos de percepção¹¹ (*Wz - Wahrnehmungszeichen*) consistem na primeira inscrição das excitações que chegam ao aparato, são os primeiros sinais da passagem da estimulação que acessa o psiquismo. Esses signos de percepção são inacessíveis à consciência e estão ligados segundo a regra da associação por simultaneidade. Por conseguinte, dá-se a segunda transcrição, criando o registro da inconsciência (*Ub - Unbewusstsein*). Freud supõe que nesta os traços se ligam de acordo com os nexos da casualidade e não têm acesso à consciência. Já a terceira transcrição é a pré-consciência (*Vb - Vorbewusstsein*), o único registro com acesso à consciência (*Benws - Bewusstsein*), é relacionado às representações-palavra e corresponde ao nosso eu tal como se apresenta ao mundo. Freud acrescenta: “Gostaria de acentuar o fato de que os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico.” (FREUD, 1896/1996, p. 283). Do ponto de vista topográfico, os três registros psíquicos estão dispostos a partir da extremidade perceptiva do aparelho. Já sob o ponto de vista dinâmico, o funcionamento do aparato é concebido de modo que as retranscrições ocorrem na passagem da excitação de um registro para o outro e cada nova tradução inibe a anterior. Todavia,

¹¹ Apesar de constar na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud (1996) a tradução do termo alemão *Wahrnehmungszeichen* como “indicação da percepção” (FREUD, 1896/1991, p. 282), passaremos a utilizar a tradução adotada por Garcia-Roza (2000, p. 198) como “signos de percepção”.

quando o conteúdo mnêmico não sofre a devida retranscrição, ele continua a ser governado de acordo com as leis que vigoravam no registro anterior. Freud utiliza o termo “*fueros*”¹² (FREUD, 1896/1996, p. 283) para ilustrar o anacronismo desses registros que persistem à margem do restante do processo de retranscrição. A recusa de tradução da memória é apontada como constituinte do mecanismo de recalçamento, processo defensivo que ocorre devido à possibilidade de uma nova retranscrição gerar desprazer.

A “Carta 52” (FREUD, 1896/1996) nos indica que as percepções possuem uma inscrição inicial no aparato psíquico como signos de percepção. Como estes são uma inscrição primária, é possível considerar que os signos de percepção ainda não foram apreendidos pelo recalque. Freud assevera que o recalque é uma falha na tradução para que não ocorra a produção de desprazer gerada por determinada tradução do material. “(...) é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução” (FREUD, 1896, p. 283). Desse modo, em um primeiro momento, as percepções são inscritas como signos de percepção e transcritas segundo a lógica do inconsciente e, posteriormente, conduzidas ao registro do pré-consciente, sendo que, inicialmente, não há como oferecer resistência a esses signos, ou seja, recalca-los. Somente quando os signos de percepção são transcritos para o inconsciente é que podem ser recalcados, caso a tradução destes para a pré-consciência traga desprazer.

A partir da esquematização de Freud, é possível inferir que os signos de percepção respondem pelos primeiros contatos do bebê com o seu mundo. Segundo Reis (2004, p. 92), “os signos de percepção são o primeiro sistema em que se registram as percepções e podem não ser traduzidos nas representações inconscientes. Equivalem às impressões precoces ou às impressões sensíveis (...)”.

Retornando à discussão acerca da identificação primária (FREUD, 1921/1996), relacionamos aos signos de percepção o fato de esse tipo de identificação ocorrer de modo direto e imediato, sem a mediação da escolha objetal amorosa e fugidia ao mecanismo do recalçamento. É uma identificação calcada nos primeiros registros mnêmicos do aparato psíquico, sendo que estes não registram a totalidade de um episódio, mas apenas apreendem fragmentos associados por contigüidade. Esses

¹² Termo que designa as arcaicas leis espanholas que, apesar de ultrapassadas, vigoravam garantindo privilégios perpétuos à determinada região.

fragmentos não são objetos incorporados canibalisticamente, mas impressões sensíveis introjetadas e assimiladas gradualmente, fazendo com que as propriedades do objeto componham o eu e promovam as fronteiras entre o eu e o mundo (REIS, 2004).

Freud nos fornece um exemplo desse sutil processo de formação do eu ao investigar a experiência de satisfação (1895/1996). Como sabemos, a base dessa vivência é a premência gerada por uma excitação endógena, como a fome, que necessita descarregar-se, ou seja, satisfazer-se. No entanto, o bebê não tem como fugir, através do ato reflexo, dessa estimulação e precisa que um outro experiente desempenhe o papel fundamental de empreender a ação específica, neste caso a mãe que oferece o alimento e, com isso, promover o apaziguamento da excitação.

Essa dinâmica cria no sistema de neurônios *psi* uma formação comparável ao eu. Mas de que modo isso ocorre? Ao contrário do sistema *phi*, responsável pela percepção e permeável, o sistema *psi* trabalha com uma pequena quantidade de excitação e é capaz de armazenar parte desta. No decorrer do desenvolvimento do aparato psíquico, os neurônios *psi* se diferenciaram, passando a responder pela função de memória. A memória é determinada como uma alteração permanente no sistema neuronal promovida pela conservação da excitação. Outro componente da criação da memória psíquica também é indicado como um fenômeno decorrente do fato de a resistência nas barreiras de contato entre os neurônios *psi* ser maior do que a magnitude da estimulação que atinge estes neurônios. Apesar da alegação de que a força nas barreiras de contato impede o esvaecimento das excitações, também é possível que elas se alterem constantemente, permitindo a passagem da excitação pelos caminhos menos resistentes. Como consequência desse processo, ocorre a fixação de alguns caminhos facilitados ao longo da trama neuronal, ou seja, são criados trajetos preferenciais para os futuros escoamentos das excitações. No caso da excitação de fome na experiência de satisfação, a lembrança do seio é uma via privilegiada, entretanto, ineficiente para aplacar a excitação.

Sendo assim, a partir da experiência de satisfação, a dispersão das excitações, a energia livre no aparato psíquico dá lugar a um sistema de neurônios permanentemente investidos, ou seja, *psi*. Garcia-Roza (2000) argumenta que, no momento mítico de indiferenciação original, teria ocorrido a experiência de satisfação, à qual podemos atribuir um prazer, entretanto, um prazer de órgão, relacionado às pulsões parciais e não

ao princípio do prazer. Com essa hipótese, é possível compreender que não é o princípio de prazer que funda o prazer, mas o inverso, ou seja, o prazer derivado da experiência de apaziguamento da excitação engendra o prazer como um princípio. A passagem do prazer como estado psíquico para o prazer como princípio dá-se através da ligação (*Bindung*). A ligação que transforma energia livre em energia ligada, anterior à instalação do princípio do prazer e, com isso, constitui a delimitação inicial de uma organização comparável ao eu.

“A ligação é, desta forma, uma síntese *a priori* que opera a passagem de um estado de pura dispersão de excitações a estados de integração ou organizações parciais. As primeiras ligações são *sínteses passivas*, apenas limitam ou impedem o livre escoamento das excitações; num segundo momento tornam-se *sínteses ativas*, repetições diferenciais. Estas organizações vão se fazer sobre as excitações que já foram acompanhadas de prazer ou de dor e que se tornam elementos de uma repetição. O eu é responsável pela repetição de experiências anteriores (experiências de satisfação) ou pela inibição da descarga” (GARCIA-ROZA, 2000, p. 151).

Articulando a passagem acima com a “Carta 52” (1896/1996), depreendemos que o eu surge a partir da experiência de satisfação que cria um caminho facilitado para o escoamento da excitação. Essa facilitação pode ser compreendida como um primeiro registro mnêmico. Temos em vista que os primeiros registros mnêmicos se dão na forma de signos de percepções. Destacando essas primeiras formas de registro é que encontramos indícios que podem nos levar a compreender a afirmação de Freud quanto à existência de uma identificação primária, direta e imediata (FREUD, 1923/1996).

Essa inscrição primária dos signos de percepção servirá como material para as demais retranscrições: inconsciência e pré-consciência. Na “Carta 52” (1896/1996), encontramos a afirmação de que o material mnêmico passa de um registro a outro devido a uma retranscrição que atende às regras do registro em vigor. Entretanto, alguns conteúdos mnêmicos resistem à retranscrição, sendo recalçados, podendo permanecer constantemente inconscientes. Isso acontece para evitar a ocorrência de uma sensação de desprazer trazida pela retranscrição do material mnêmico. Analisando o percurso teórico freudiano, teríamos como exemplo o recalçamento dos desejos edípicos que, se trazidos à consciência, se colocariam contrários ao princípio do prazer, pois

acarretariam um aumento excessivo da excitação e provocariam a sensação de desprazer.

Essa argumentação é importante para o tema da identificação, a fim de tentarmos elucidar a seguinte passagem de “O eu e o isso” (FREUD, 1923/1996): “as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar desfecho numa identificação desse tipo [secundária], que assim reforçaria a primeira [a identificação primária]” (p. 44). Articulando as considerações da “Carta 52” (1896/1996) com a citação anterior, depreendemos que a identificação relacionada ao pai e à mãe está fundamentada no segundo registro de transcrição do material mnêmico, o registro inconsciente. Assim, também teríamos as bases de sustentação da identificação secundária. Este segundo modo de identificação, que reforçaria a identificação primária, possui estreita relação com o complexo infantil e estaria envolvido com a rerepresentação (DAVID-MÉNARD, 2000) dos conteúdos inconscientes recalçados, quando na ocorrência das neuroses, tal como evidenciado no Caso Dora (1895/1996).

Estamos cientes que, ao longo da teoria freudiana, o conceito de recalque toma notabilidade e passa a ser formulado como a sustentação de todo o edifício teórico da psicanálise. Contudo, nós nos deteremos na concepção do recalque exposta na “Carta 52” (1896/1996), visto que queremos ressaltar a passagem do material mnêmico de um estrato a outro do aparato psíquico, o que engendraria modos distintos de identificação.

A partir da retranscrição dos signos de percepção para o estrato inconsciente, tornar-se-ia possível o surgimento do segundo modo de identificação, bem como surgiria a condição de possibilidade para o terceiro e último tipo, a identificação parcial.

Como sabemos, Freud (1921/1996) sustenta que o terceiro tipo de identificação é responsável pela formação do grupo, pois através desse tipo de identificação os integrantes do grupo identificam-se com a figura do líder, colocando este como o ideal do eu. Com o texto de 1923, podemos compreender que o supereu é derivado da intensificação da identificação primária – “mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1921/1996, p. 115). Essa intensificação do laço é gerada pela identificação secundária, que aparece relacionada à vivência do complexo edípico. É nessa medida que podemos inferir que a identificação parcial só pode ser

empreendida a partir da transcrição dos signos de percepção para o registro inconsciente.

Para concluir nosso percurso acerca dos modos de identificação, podemos dizer que Freud entende a subjetividade composta por numerosos vínculos identificatórios. Sendo assim, cada subjetividade seria formada pelo encontro de incontáveis identificações correspondentes à relação com os pais e com o mundo ao redor. As identificações múltiplas (FLORENCE, 1984) – primária, secundária e parcial – dão margem ao surgimento de fragmentos de independência e originalidade, compondo assim, as modulações subjetivas e a pluralidade das relações sociais.

Considerações finais

Abordamos, nesta dissertação, a trajetória do tema da identificação na obra freudiana, destacando sua gradual relevância como processo de constituição do psiquismo. Com este objetivo, analisamos, inicialmente, as primeiras menções do termo nas cartas a Fliess e seguimos nosso percurso até a formulação da segunda tópica.

No primeiro capítulo de nosso trabalho, começamos por advertir que o tema da identificação encontra-se disperso na teoria freudiana, sem, contudo, receber uma delimitação conceitual exata. Apesar da imprecisão conceitual, a identificação passa, gradualmente, a se configurar como um processo múltiplo e de destaque na formação do psiquismo.

Em seguida, passamos à análise das cartas a Fliess, momento em que presenciamos as primeiras aparições do termo identificação. Nestes escritos, a figura da identificação já é entendida no âmbito inconsciente, e esta característica perdura ao longo da teoria da identificação. Neste momento, a identificação é associada exclusivamente ao sintoma histérico, como um processo pelo qual o eu assimila algo do outro por um desejo de estar no lugar deste, de viver como outro vive. É nesse sentido que Freud nos diz que a identificação leva as pessoas a ficarem encantadas com a tragédia de Édipo, e que alguns leitores desta obra literária podem se identificar, de modo histérico, com o herói.

Dentro do campo da primeira teoria pulsional, Freud apresenta sua primeira teorização explícita acerca da identificação em “A interpretação dos sonhos” (1900/1996). Neste texto, Freud expõe um caso clínico: sua paciente, a bela açougueira, contestava-o a respeito da realização de um desejo em seu sonho. Com isso, ele pôde inferir que a identificação era capaz de disfarçar um desejo circunscrito ao fenômeno onírico. A partir daí, Freud articula identificação, histeria e sonho.

O campo da identificação é ampliado com a análise do caso Dora (1905/1996). Neste estudo de caso, Freud esclarece detalhadamente o jogo identificatório de sua paciente. A plasticidade da produção sintomática na histeria evidencia a multiplicidade de identificações que é possível vivenciar.

Nessa ocasião, Freud aponta para o fato de a identificação estar vinculada à linguagem histérica, contudo, no decorrer de sua obra, a identificação passou ser

remetida aos momentos originários constitucionais. Primeiramente, no âmbito coletivo, conforme nos é apresentado em “Totem e tabu” (1913/1996), depois, na dimensão de estruturação subjetiva (FREUD, 1921/1996).

O texto “Totem e tabu” (1913/1996) apresentou uma vertente da identificação caracterizada pela relação com o pai. Freud utiliza o termo incorporação do animal totêmico para referir-se ao modo pelo qual os filhos reunidos assimilam os poderes do pai morto, ou seja, identificam-se com ele. O evento ritualístico descrito aponta para a dinâmica identificatória presente no mito de constituição da sociedade. Na narrativa mitológica de Freud, a identificação é reconhecida como a mola mestra do totemismo, pois é o processo pelo qual os filhos recalcam o assassinato do pai e o incesto, erigindo assim o pai como um ideal do eu que regula as relações em grupo.

A problemática do ideal foi retomada em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/1996). Neste momento, pudemos observar as considerações acerca do eu como o resultado de um processo de estruturação psíquica, bem como os modos de relação com o objeto – anaclítico e narcísico – que deram sustentação às concepções apresentadas no artigo “Luto e Melancolia” (1915/1996).

Em “Luto e Melancolia” (1915/1996), acompanhamos a formulação da identificação narcísica como responsável pela formação da melancolia. Neste artigo, Freud recobra a idéia de incorporação de objeto para descrever as transformações pelas quais o eu passa e que culminam num fenômeno patológico.

O fato de Freud ter utilizado o termo incorporação relacionado à identificação, tanto na descrição do mito de formação da sociedade quanto no fenômeno da melancolia, conduziu-nos ao conceito de introjeção em Ferenczi. Esta via de entendimento tornou possível a distinção entre o processo introjetivo – modo fundamental de assimilação do mundo que possibilita a formação do aparato psíquico – e o mecanismo da incorporação, que designa a patologia melancólica. Nós nos detivemos no funcionamento introjetivo, pois consideramos que este abre caminho para a dimensão do processo de identificação como estruturante.

Tendo feita essas análises das linhas de composição da figura da identificação no alvorecer do pensamento freudiano, no segundo capítulo passamos para o exame das transformações decisivas que o tema sofreu na conjuntura da segunda teoria pulsional.

A partir de então, a identificação foi elevada à condição de ligação primordial com o outro, revelando, assim, seu estatuto originário. Neste viés, analisamos a relevância da identificação no processo de formação de laço social. Expomos que a identificação primária integra os três modos de identificação sistematizados por Freud em 1921 e é retomada com a formulação da nova cartografia psíquica, em 1923. Contudo, Freud deixa em aberto qual a fundamentação exata da identificação primária. Dentro do panorama de 1923, ressaltamos as passagens da obra freudiana em que fica patente que a identificação abre caminho para o complexo de Édipo e, sendo assim, acentuando seu caráter originário.

Com o intuito de lançarmos luz sobre a problemática referente à identificação primária, em nosso terceiro e último capítulo, articulamos este modo de identificação com a experiência de satisfação exposta no “Projeto para uma psicologia científica” (1895/1996) e com o modelo de aparato psíquico descrito na “Carta 52” (1896/1996). Realizamos tal disposição teórica, pois nos pareceu que esta forneceria indícios para a compreensão da identificação como um processo que, conforme assegura Freud, se dá de modo direto e imediato, anterior à escolha objetual, e que possibilita a vivência do complexo infantil.

No decorrer de nossa investigação, demarcamos a existência das seguintes identificações: identificação histérica, identificação com o pai e com os irmãos no mito de fundação do social, identificação narcísica, identificação primária, identificação secundária e identificação parcial. Nesse sentido, aceitamos a proposta de Florence (1994), que sugere que o termo identificação seja utilizado sempre no plural. Ao final de nosso trabalho, depreendemos que a identificação em Freud constitui-se em um processo diversificado, contínuo e fundamental na estruturação do psiquismo.

Ao término desta dissertação, se configuram, de imediato, duas questões para investigações posteriores. A primeira diz respeito à metapsicologia da relação entre as identificações primária, secundária e parcial e os tempos do recalque. Já a segunda problemática está relacionada com as características do contemporâneo - tais como, o tempo do instantâneo e a aparente ausência de referenciais duradouros – e o processo de identificação: como se dá o processo de identificação no contemporâneo?

Bibliografia

- ABRAHAM, N. & TOROK, M. “Luto ou melancolia, Introjetar-Incorporar” (1978), in *A casca e o núcleo*, São Paulo, Escuta, 1995.
- BIRMAN, J. “Soberania, crueldade, servidão: mal-estar, subjetividade e projetos identitários na modernidade”, in PINHEIRO, T. (org.) *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.
- BIRMAN, J. (org.) *Feminilidades*, Rio de Janeiro, 2002.
- CUNHA, E. L. *Imagem e Semelhança: metapsicologia da identificação*. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, IP/UFRJ, 1992.
- CRUGLAK, C. *Clínica da identificação*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2001.
- DAVID-MÉNARD, M. *A histérica entre Freud e Lacan*, São Paulo, Escuta, 2000.
- ENRIQUEZ, E. *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- FERENCZI, S. “Transferência e introjeção” (1909), in *Psicanálise I*. São Paulo, Escuta, 1991.
- FERENCZI, S. “O conceito de introjeção” (1913) in *Psicanálise I*. São Paulo, Escuta, 1991.
- FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*, São Paulo, Escuta, 2003.
- FLORENCE, J. *L’Identification dans la Théorie Freudienne*. Bruxelles: Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, 1984.
- FLORENCE, J. et al. *As Identificações na clínica e na teoria psicanalítica*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*, Rio de Janeiro, Imago, 1996, 24 vols.
- _____ “Projeto para uma psicologia científica” (1895), vol. 1.
- _____ “Carta 52” (1896), vol 1.
- _____ “Carta 61” (1897), vol 1.

- _____ “Carta 71” (1897a), vol 1.
- _____ “A interpretação dos sonhos” (1900), vols. 4 e 5.
- _____ “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1905), vol. 7.
- _____ “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905a), vol. 7.
- _____ “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (1908), vol. 9.
- _____ “Algumas observações gerais sobre os ataques histéricos” (1908a), vol. 9.
- _____ “Análise da fobia em um menino de cinco anos” (1909), vol. 10.
- _____ “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” (1909a), vol. 10.
- _____ “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910), vol. 11.
- _____ “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão” (1910a), vol. 11.
- _____ “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911), vol. 12.
- _____ “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides) (1911a), vol. 12.
- _____ “Totem e tabu” (1913), vol.13.
- _____ “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), vol. 14.
- _____ “Luto e Melancolia” (1915), vol. 14.
- _____ “O instinto e suas vicissitudes” (1915a), vol. 14.
- _____ “Além do Princípio do Prazer” (1920), vol. 18.
- _____ “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921), vol. 18.
- _____ “O ego e o id” (1923), vol. 19.
- _____ “O problema econômico do masoquismo” (1924), vol. 19.
- _____ “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), vol. 19.
- _____ “O Mal-Estar na Civilização” (1930), vol. 21.
- _____ “A dissecação da personalidade psíquica” (1933), 31ª conferência, vol. 22.

_____ “Feminilidade” (1933a), 33ª conferência, vol. 22.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, vol. 1, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, vol. 3, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000a.

GONDAR, J. “Sobre as compulsões e o dispositivo analítico”, in *Agora: estudos em teoria psicanalítica*, vol. IV, no. 2, 2001, p. 25-35.

HERZOG, R. “Da ausência à falta de referência: o vazio na psicanálise”, in *Agora: estudos em teoria psicanalítica*, vol. II, no. 1, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1999, p. 55-73.

HERZOG, R. “O estatuto da *bindung* na contemporaneidade”, in *Interações*, vol. III, no. 16, 2003, p. 37-56.

HERZOG, R. & SALZTRAGER, R. “A formação de identidade na sociedade contemporânea”, in *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.

HERZOG, R.; FARA, B. & MOGRABI, D. “Da superação à simultaneidade: crise e política na modernidade”, in BASTOS, A. (org.) *Extensões da psicanálise* (título provisório), Rio de Janeiro, Editora Contra Capa, 2006, no prelo.

LACAN, J. “O estágio do espelho como formador da função do eu” (1936), in *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

LAPLANCHE & PONTALIS *Vocabulário de Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

MAIA, M. S. *Extremos da Alma: Dor e trauma na atualidade e na clínica psicanalítica*, Rio de Janeiro, Garamond, 2003.

MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1990.

MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo Perspectiva, 1998.

PINHEIRO, M. T. *Ferrenzi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro, Jorge Jahar Ed./Editora UFRJ, 1995.

PINHEIRO, M. T. “Algumas Considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a melancolia”, in *Cadernos de Psicanálise*, vol II, nº 15, Rio de Janeiro, S.P.C.R.J., 1995, p. 20-28.

REIS, E. *De corpos e afetos: transferência e clínica psicanalíticas*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004.

RIBEIRO, P. C. *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*, São Paulo, Escuta, 2000.

STENNER, A. S. “A identificação e a constituição do sujeito”, in *Psicologia, Ciência e Profissão*, 2004, 24 (2), p. 54-59.

TARDE, G. *Les lois de l'imitation* (1890), Paris, Éditions du Seul, 2001.

TARDE, G. *Études de psychologie sociale* (1898), Paris, V. Giard & Brière, 2001.

THEMUDO, T. S. *Gabriel Tarde: sociologia e subjetividade*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)